

Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras

**Complementos de Verbo Preposicionados
no Contexto da Tradução**

Diana Raquel Marques Frade

Mestrado em Tradução
Lisboa, 2009

Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras

**Complementos de Verbo Preposicionados
no Contexto da Tradução**

Diana Raquel Marques Frade

Orientação de:
Professora Doutora Anabela Gonçalves

Mestrado em Tradução
Lisboa, 2009

NOTA PRÉVIA:

A realização da presente dissertação intitulada Complementos de Verbo Preposicionados no Contexto da Tradução só foi possível graças ao apoio e incentivo de familiares e amigos, bem como ao apoio e auxílio de professores e colegas.

A todos eles um sentido agradecimento, em especial:

à Professora Anabela Gonçalves, por aceitar orientar esta dissertação, pela sua total disponibilidade, incentivo, apoio e críticas para melhorar o trabalho final. Essas críticas e as discussões sobre o meu trabalho foram os alicerces da composição desta dissertação e sem a sua ajuda a organização da mesma não seria tão linear;

aos professores da Licenciatura e do Mestrado em Tradução, pois sem eles o meu percurso académico não teria sido tão enriquecedor;

às minhas colegas Filipa Sousa, Patrícia Tavares, Maria Antunes e Carla Pereira, pelo grande apoio, estímulo e auxílio, principalmente no final;

a toda a minha família, que sempre me apoiou em todo o meu percurso académico e encorajou na conclusão deste trabalho, principalmente os meus pais, António e Isabel Frade, o meu irmão, Gustavo Frade, e o meu namorado, Valter Gaspar.

RESUMO

A presente dissertação analisa os complementos de verbo preposicionados do Português Europeu e os problemas que os mesmos colocam no contexto da tradução. Incide, em particular, nas preposições que introduzem estes complementos que são, frequentemente, omitidas, substituídas ou afectadas por um processo de inserção. Sendo esta uma área crítica para os falantes do Português Europeu, é também relevante no âmbito da tradução uma vez que, neste contexto, as preposições da língua de partida, nem sempre coincidentes com as da língua de chegada, podem interferir no processo de tradução, conduzindo a estruturas agramaticais.

Tendo em conta as preposições que ocorrem com estes complementos procurou-se, ao descrever e analisar os dados do Português Europeu que apresentavam problemas no que se refere à inserção, omissão e substituição de preposição: (i) identificar o processo que ocorria com mais frequência; (ii) identificar quais as preposições que mais estariam na origem da formação de desvios e quais as que mais vezes estariam correctas naquele contexto, formando uma sequência gramatical; (iii) identificar a subclasse de verbos predominante nos três desvios em estudo; (iv) analisar a incidência do decalque do original, tanto no conjunto das duas línguas, como em relação a cada língua; (v) efectuar uma comparação entre traduções publicadas e traduções não publicadas, principalmente em relação ao desvio que mais ocorria em cada um desses tipos de tradução.

Relativamente ao *corpus* deste trabalho, foram analisadas duas traduções publicadas, uma em Inglês e outra em Francês, bem como cerca de 60 traduções não publicadas, também nas duas línguas. As sequências agramaticais encontradas nas referidas traduções constituem a base de dados da presente dissertação.

Palavras-chave: complementos de verbo preposicionados, preposição, subclasse de verbo, tradução, omissão/substituição/inserção de preposição

ABSTRACT

This dissertation analyses prepositioned verb complements in European Portuguese and the problems posed by these in the context of translation. It particularly focuses on prepositions introducing these complements, which are often omitted, substituted or affected by a process of insertion. Since this is a critical area for European Portuguese speakers, it is also relevant in the scope of translation. In this context, prepositions in the source language do not always match those in the target language, which may therefore interfere in the process of translation, leading to non-grammatical structures.

Considering the prepositions occurring with these complements and by describing and analysing the European Portuguese data with problems of preposition insertion, omission and substitution, this work aimed at: (i) the identification of the most occurring problem; (ii) the identification of the prepositions more often used in deviations and those which would be correct in that context to form a grammatical sequence; (iii) the identification of the predominant verbal class in the three types of analysed deviations; (iv) the analysis of the original's tracing extent in both languages, as well as in relation to each of the languages; (v) the comparison between published and unpublished translations, especially in relation to the more often occurring deviation in each of these translation types.

Regarding the *corpus* of this work, two published translations – one in English and the other in French – were analysed, as well as *ca.* 60 unpublished translations, also in both languages. The non-grammatical sequences founded in the above-mentioned translations constitute this dissertation's database.

Keywords: prepositioned verb complements, preposition, verb class, translation, preposition omission/substitution/insertion

ÍNDICE

Introdução

Introdução.....	1
-----------------	---

Capítulo I – Questões Iniciais

1 – Definição do objecto de estudo e dos objectivos.....	3
2 – Relevância do estudo para a tradução.....	4
2.2 – Competências do tradutor.....	6
2.3 – A importância do conhecimento explícito da língua.....	9
3 – Descrição dos fenómenos em análise.....	10
4 – Hipóteses.....	15

Capítulo II – Metodologia

1 – Introdução.....	17
2 – Tipos de Textos.....	17
3 – Os dados.....	18
3.1 – Recolha e tratamento dos dados.....	18
3.2 – Descrição da base de dados.....	19

Capítulo III – Descrição e Análise dos Dados

1 – Introdução.....	21
2 – Tipo de desvio: omissão, substituição e inserção de preposições.....	22
3 – Preposições envolvidas no desvio.....	34
4 – Subclasses de verbos envolvidos no desvio.....	49
5 – Casos de decalque do original.....	62
6 – Traduções publicadas <i>versus</i> traduções não publicadas.....	67
7 – Alguns casos específicos.....	73
8 – Síntese.....	76

Capítulo IV – Conclusões

Conclusões.....	78
-----------------	----

Referências Bibliográficas

1 – Obras para os exemplos da base de dados.....	81
1.1 – Traduções publicadas e respectivos originais.....	81
1.2 – Originais usados para as traduções não publicadas.....	81
2 – Obras específicas do tema.....	82

Apêndice

Introdução

O estudo que em seguida se apresenta tem como objectivo central a análise de complementos de verbo preposicionados no contexto da tradução. Estes complementos, como o seu nome indica, são exigidos por um verbo e introduzidos por uma preposição. As propriedades de um item lexical que dizem respeito à categoria dos seus complementos designam-se por propriedades de subcategorização ou de selecção categorial. Daí que, neste trabalho, sejam discutidas as propriedades de subcategorização de alguns verbos do Português Europeu.

As propriedades de selecção categorial do verbo causam, muitas vezes, problemas que se reflectem também na tradução, já que esta implica que o tradutor conheça as propriedades quer da língua de partida quer da língua de chegada. Contudo, e segundo Peres e Mória (1995:108-109) “...é particularmente difícil determinar a agramaticalidade ou marginalidade de determinados usos. Esta tarefa é dificultada pelo facto de existirem frequentemente distintas possibilidades de escolha no que respeita ao uso de preposições argumentais, que podem variar na frequência ou suscitar dúvidas que os dicionários não esclarecem, ou ainda que, embora dicionarizadas ou com abonações literárias, estão praticamente fora de uso na linguagem contemporânea”. Tendo em conta este facto, o presente trabalho foi efectuado com recurso a vários dicionários e também a *corpora* digitalizados para registar, na medida do possível, todos os usos e verificar quais as preposições utilizadas em cada caso.

Os três desvios que afectam mais frequentemente os complementos de verbo preposicionados são a omissão de preposição em contextos em que o Português Europeu a exige, a inserção de preposições onde a língua portuguesa não as admite e a substituição, ou seja, a utilização de uma preposição quando seria outra a exigida pelo verbo. Este estudo pretende pesquisar a ocorrência destes fenómenos na tradução, no sentido de: (i) identificar o que surge com mais frequência; (ii) verificar quais as preposições mais afectadas; (iii) verificar, ainda, se as subclasses de verbos influenciam estes fenómenos; (iv) perceber se a língua do original tem influência nestes desvios; (v) identificar a ocorrência destes fenómenos nas traduções publicadas e não publicadas.

Assim, a presente dissertação é composta por 4 capítulos. O primeiro apresenta as questões iniciais, sendo aí definido o objecto de estudo e os objectivos centrais; a

relevância do estudo para a tradução, incluindo as competências do tradutor e a importância do conhecimento explícito da língua; a descrição sintética dos três fenómenos em análise e, finalmente, a apresentação das hipóteses.

No segundo capítulo, “Metodologia”, apresenta-se a metodologia usada para a recolha e o tratamento dos dados analisados nesta dissertação.

No terceiro capítulo, “Descrição e Análise dos Dados”, procede-se à descrição e análise dos dados, de acordo com os seguintes parâmetros: (i) tipo de desvio (omissão, substituição e inserção de preposições); (ii) preposições envolvidas no desvio; (iii) propriedades dos verbos envolvidos; (iv) questões de decalque do original; (v) comparação entre traduções publicadas e traduções não publicadas; (vi) referência a casos específicos, ou seja, produções que são analisadas numa secção própria, por manifestarem especificidades que vão para além dos desvios que ocorrem com as preposições.

Por fim, o quarto e último capítulo inclui as conclusões, tendo em conta os objectivos e as hipóteses definidos inicialmente.

I – Questões iniciais

1 - Definição do objecto de estudo e dos objectivos

É sabido que o uso de preposições pode ser problemático para os falantes do Português Europeu como língua materna em geral e, conseqüentemente, para o tradutor, já que este não deixa de ser também um falante. São vários os autores que identificaram os complementos de verbo preposicionados enquanto área crítica do Português Europeu, como Peres e Mória (1995), Duarte (2003) e Arim (2008).

Como esta questão se tornou evidente em várias revisões de traduções para publicação, pensou-se que seria importante efectuar um estudo acerca dos desvios ocorridos no uso de preposições no contexto da tradução. Assim sendo, a presente dissertação centrou-se em textos originais e respectivas traduções, publicadas e não publicadas, para analisar o impacto da publicação e/ou revisão na quantidade de desvios encontrados no que diz respeito aos complementos de verbo preposicionados. No início deste estudo, supôs-se que as traduções publicadas teriam menos problemas do que as traduções não publicadas, efectuadas por alunos de Tradução sem o intuito de virem a ser publicadas, principalmente por se acreditar que as traduções publicadas seriam revistas por uma segunda pessoa que não o tradutor, sendo desejável que se tratasse de alguém com formação em Linguística.

Note-se que, neste trabalho, serão analisados apenas complementos de verbo, apesar de também haver problemas em complementos de nomes e também em modificadores, como foi notório ao longo da leitura das traduções em análise. Por uma questão de delimitação do objecto de estudo, apenas os complementos de verbo serão analisados.

O objectivo geral desta dissertação é, assim, estudar os complementos de verbo preposicionados no que diz respeito aos três desvios mais frequentes (omissão, substituição e inserção de preposição), caracterizados na secção 3 deste capítulo, tendo sempre em conta que se trata de uma área crítica do Português Europeu e, conseqüentemente, da tradução. Para isso, analisar-se-á cada desvio, bem como as preposições mais envolvidas em cada desvio, e ainda se analisarão o tipo de verbo que ocorre quando existe um fenómeno desviante, os casos de decalque do original e alguns

casos específicos, ou seja, os que possuem problemas com preposições, mas em que nem a alteração ou a omissão da preposição tornaria esses casos gramaticais, uma vez que os verbos escolhidos pelo tradutor também apresentam alguns problemas nestas construções. Proceder-se-á, ainda, a uma comparação entre traduções publicadas e traduções não publicadas e entre traduções com diferentes línguas de partida (Francês e Inglês).

Em Peres e Mória (1995), trabalho que identifica e explora algumas áreas críticas do Português Europeu através de documentos autênticos, retirados da imprensa publicada em Portugal, pode ler-se que “O grande número de casos registados mostra que o uso de preposições argumentais constitui uma área bastante problemática do português contemporâneo, onde é frequente a alteração das normas partilhadas pela generalidade da comunidade. Esta situação resulta da actuação de vários factores, entre os quais parece destacar-se o fenómeno da contaminação por analogia. Com efeito, a utilização irregular de determinadas preposições com um dado predicado parece ter frequentemente origem na possibilidade de utilizar essas mesmas preposições com predicados que lhe são semelhantes ou de algum modo próximos” (*op.cit.*, 108).

Foi com base na premissa de que o uso de preposições era uma área crítica no Português Europeu, devido aos três desvios de que se falará na secção 3, que se deu início a este trabalho, procurando sempre enquadrá-lo no contexto da tradução, pois o referido problema é, como já se referiu, transposto para este campo.

Assim, o objectivo mais específico relacionado com a tradução será explorado neste capítulo, secção 2, na qual se discutirá o perfil do tradutor no que diz respeito às suas competências linguísticas, entre outras, e se apresentará uma breve reflexão sobre a importância do conhecimento explícito¹ da língua para o processo de tradução.

2 - Relevância do estudo para a tradução

Na presente secção far-se-á uma pequena exposição das competências do tradutor, bem como dos meios que o tradutor tem à sua disposição para evitar produções desviantes. Os fenómenos desviantes são um maior desafio para a tradução, porque o tradutor tem de conhecer bem as propriedades das duas línguas, sendo o seu

¹ Entende-se por conhecimento explícito “a progressiva consciencialização e sistematização do conhecimento implícito no uso da língua.” (Sim-Sim, Duarte e Ferraz, 1997:31), ou seja, o conhecimento reflectido das unidades, regras e processos gramaticais da língua.

conhecimento empírico posto à prova aquando do processo tradutório. Com efeito, as duas línguas envolvidas na tradução possuem propriedades específicas que o tradutor deve conhecer e distinguir, de forma a obter estruturas gramaticais mesmo quando a língua de partida e a de chegada diferem relativamente àquelas propriedades.

O tradutor depara-se com dúvidas linguísticas no seu dia-a-dia, o que, como acontece com grande parte dos falantes, o leva a produzir certos desvios, principalmente os que, como os trabalhados na presente dissertação, constituem uma área crítica. É importante ter em mente que o tradutor é um veículo de informação e, como o seu trabalho é lido por um grande número de pessoas, é importante que o mesmo respeite as regras da língua. É, assim, imprescindível que o tradutor use, nas suas traduções, as estruturas da língua de chegada adequadas.

Saliente-se que, como já referido, sendo os fenómenos abordados neste estudo um problema geral da oralidade e até da escrita, é certo que também será um problema na tradução, já que o tradutor é um falante da língua. Contudo, tem de evitar os desvios, recorrendo não só à sua intuição de falante, mas também a instrumentos como dicionários, gramáticas e prontuários.

Assim sendo, um estudo como este permite reflectir sobre o impacto de certos desvios (comuns na língua de chegada) na tradução. Permitirá, ainda, reflectir sobre a necessidade de desenvolver no tradutor o conhecimento explícito das línguas de partida e de chegada através do estudo das propriedades dessas línguas e recorrendo aos vários instrumentos que tem à sua disposição. É certo que o tempo limitado que o tradutor possui pode ser um inibidor dessa pesquisa, mas, caso este se aperceba da quantidade de erros ou lapsos que comete nas estruturas da língua de chegada, poderá sentir a necessidade de procurar perceber melhor como a língua funciona.

“Tradicionalmente, a tradução foi utilizada como meio de avaliar determinados conhecimentos de uma língua estrangeira (vocabulário, sintaxe, etc.) tendo como critérios prioritários o limite de tempo e a fidelidade linguística” (Rodrigues, 2006:243). Hoje em dia, a tradução é bem mais do que isto. É, também, a aproximação entre culturas e, para isso, o processo tem de ser minucioso e o tradutor deve possuir determinadas competências e aptidões para realizar eficazmente o seu trabalho para que não surjam dúvidas ou problemas que podem pôr em causa toda a tradução.

2.1 – Competências do tradutor

De acordo com Alves (2006:21), “só é possível realizar uma tradução com qualidade se o tradutor possuir determinadas competências”. O autor refere a Norma EN 15038, ou seja, a Norma Europeia de Qualidade para Serviços de Tradução, que entrou em vigor em 2006 e que define que o tradutor deve possuir as seguintes competências para realizar eficazmente o seu trabalho: (i) competência de tradução, (ii) competência linguística e textual na língua de partida e na língua de chegada, (iii) competência de pesquisa, aquisição e processamento de informação, (iv) competência cultural e (v) competência técnica. Todas estas competências têm um papel fulcral no desempenho tradutório, embora, no presente trabalho, a competência linguística tenha sido o objecto de discussão, devido à sua relevância para a reflexão sobre os desvios em análise.

Actualmente, traduzir não é apenas conhecer as duas línguas com que se trabalha em termos de que palavra escolher para traduzir uma outra. É imperativo conhecer bem as línguas em termos das suas propriedades lexicais, morfológicas, sintácticas e semânticas, e estar ciente da sua diversidade. Existem vários textos que referem esta competência linguística como sendo crucial para um bom tradutor, como se irá mostrar, e esta também é amplamente debatida durante os seminários que formam novos tradutores. No entanto, na prática, quando a questão mais importante se centra nos prazos de entrega das traduções, constata-se que, muitas vezes, se dá prioridade a estes em detrimento de uma qualidade excelente, já que esta implica um maior tempo concedido à preparação da tradução e à pesquisa sobre dúvidas linguísticas, limitando ainda mais o escasso tempo de que o tradutor necessita para efectuar o seu trabalho.

Rodrigues (2006:245,246) acrescenta que:

“quanto à competência profissional do tradutor, ou competência tradutora, a investigação no domínio dos Estudos de Tradução tem sido pobre em estudos empíricos. Daí que alguns autores tenham sentido a necessidade de definir competência translatória e o modo de adquiri-la. As PACTE (*Process of the Acquisition of Translation Competence and Evaluation*) (...) propõem um modelo holístico, dinâmico, que considera a competência tradutora como um sistema de conhecimentos, aptidões e capacidades necessárias ao exercício da tradução.

Esse sistema subdivide-se em seis categorias de competências: a) competência comunicativa nas duas línguas - compreensão na língua de origem e expressão na língua de chegada; b) compreensão extralinguística – conhecimentos

teóricos de tradução, conhecimento bi-cultural, conhecimento enciclopédico e temático; c) competência de transferência – capacidade de efectuar o processo de transferência de um texto de partida para um texto de chegada (compreensão, desverbalização e separação das duas línguas, controlando as interferências, re-expressão e definição do processo tradutológico, através da escolha do método apropriado; d) competência instrumental/profissional – conhecimentos e aptidões relacionados com a prática da tradução (conhecimento de fontes de documentação, das novas tecnologias, do mercado de trabalho, da conduta profissional); e) competência psicofisiológica – capacidade de aplicar recursos de natureza psicomotora, cognitiva e do domínio das atitudes como ler e escrever, faculdades cognitivas (memória, atenção, criatividade, pensamento lógico) e atitudes (curiosidade intelectual, perseverança, rigor, capacidade crítica, conhecimentos e confiança nas capacidades próprias; f) competência estratégica – procedimentos individuais conscientes e inconscientes, verbais e não verbais usados na resolução de problemas que surgem durante o acto de traduzir (...). Desta última competência, fazem, ainda, parte três sub-competências: as estratégias de compreensão, que permitem distinguir entre ideias principais e secundárias, estabelecer relações conceptuais e procurar informação; as estratégias de reformulação que consistem no uso de paráfrases, retroversão, reformulação em voz alta, em evitar *false friends*, cognatos e decalques, etc; e as estratégias de documentação que possibilitam o estabelecimento de uma linha de inquirição, o saber seleccionar informação, etc.”

Neste texto encontramos uma diversidade de competências que o tradutor deve possuir, todas elas importantes, mas há que notar que a primeira competência a ser referida é a linguística, neste caso a capacidade de expressão correcta na língua de chegada, referindo também a capacidade de compreensão na língua de origem. Este facto pode significar que esta é das competências mais importantes que o tradutor deve possuir. Alves (2005), quando refere as conclusões do seu artigo relativa à gestão da qualidade e às competências privilegiadas na selecção de futuros tradutores (ponto 4), afirma “As competências que mereceram uma maior atenção por parte das empresas contratantes são as linguísticas, as redaccionais e as translatórias. Porém, as competências de pesquisa, os conhecimentos culturais e a capacidade de autocrítica também são uma mais-valia para o futuro colaborador”. De salientar que, como se pode concluir deste artigo sobre empresas de tradução, estas dão realmente bastante importância à competência linguística e os tradutores externos sabem que podem ser

penalizados, tanto no volume de trabalho, como no montante a receber pela tradução, se esta contiver erros, incluindo erros linguísticos, que podem ir desde erros ortográficos a erros de adequação, como é o caso dos fenómenos desviantes analisados na presente dissertação.

Já Martins (2006) acrescenta que “O que se exigia do tradutor era um produto de qualidade, que dependia de fatores como conhecimento linguístico e culturais, capacidade de obter as informações necessárias, familiaridade com diferentes gêneros textuais e domínio do discurso e da terminologia da área ou assunto do texto. Essas características e habilidades eram responsáveis pelo que se denominava competência tradutória” (Martins, 2006: 28,29). No contexto actual, “competência tradutória por si só não basta. (...) tornar-se um tradutor profissional envolve mais do que adquirir e aprimorar habilidades específicas que lhe permitam produzir um texto-alvo aceitável em um dado idioma, a partir de um texto anterior, produzido em uma língua diferente” (Martins, 2006: 29). Falta, por exemplo, conhecer ferramentas tecnológicas, cada vez mais necessárias neste tipo de trabalho, ou seja, para além da já tão debatida competência linguística, cada vez mais é preciso renovar as ferramentas a utilizar na tradução.

Como se pôde constatar com os autores acima referidos, o perfil ideal do tradutor decorre de diversas competências essenciais para a realização de um bom trabalho. Para analisar as competências do tradutor, este deve passar por uma avaliação. “A avaliação da prática profissional do tradutor, tendo em conta o produto final, bem como os conhecimentos, aptidões e capacidades do tradutor, centra-se na qualidade e na quantidade, tem uma função fundamentalmente sumativa, embora possa, eventualmente, ser formativa” (Rodrigues, 2006:245). Contudo, para efectuar essa avaliação, é necessário distinguir e classificar os vários tipos de erros que se podem encontrar nas traduções. Assim, a autora admite que “A linguística também não tem sido capaz de dar resposta ao problema da distinção entre erros pouco graves, graves ou inaceitáveis, o que, desde logo remete para a necessidade fundamental de, antes de avançar para a elaboração dos critérios de avaliação, se definir o conceito de erro e de problema em tradução. (Rodrigues, 2006:243,244). A autora define com mais precisão a classificação de erro, tão importante para a avaliação da tradução que, por sua vez, é crucial para avaliar e definir as competências do tradutor: “De um modo geral, os aspectos essenciais a ter em conta na classificação do erro em tradução são as seguintes:

distinção entre erros relacionados com o texto de origem (TO): significado oposto, errado, disparate, acrescento ou omissão; erros relacionados com o texto de chegada (TC): ortografia, vocabulário, sintaxe, coerência e coesão (...); distinção entre erros funcionais (que transgridem certos aspectos funcionais do projecto de tradução) e erros absolutos (que não dependem daquela tradução específica e envolvem uma transgressão injustificada das regras linguísticas e culturais de uma língua ou do seu uso (...); distinção, para cada tradutor, entre erro sistemático (recorrente) e erro ocasional (isolado) (...); distinção entre erros ao nível do produto e do processo” (Rodrigues, 2006:244).

É certo que todos os problemas são de evitar, mas, há sequências desviantes que podem ser consideradas meros lapsos e outras que são originadas por outras causas, o que também deve ser tido em conta quando se consideram as competências do tradutor.

2.2 – A importância do conhecimento explícito da língua

Segundo Duarte (2008:9), que, apesar de não se referir especificamente ao contexto da tradução, aborda questões importantes também para este campo, “Para se atingir um nível elevado de desempenho na competência de escrita é necessário um conhecimento da língua extenso e profundo que, em grande medida, tem de ser explícito”. Neste sentido, considera-se que o tradutor, também é considerado um escritor, já que tem de saber lidar bem com a língua, tal como o escritor do texto original. Deste modo, o tradutor precisa de conhecer bem não só a sua língua como a língua do texto original, de forma a poder aperceber-se das suas semelhanças e diferenças e efectuar uma boa tradução em termos linguísticos. “Um conhecimento da língua profundo e extenso permite que cada cidadão domine um conjunto de variedades estilísticas e que saiba em que situações e contextos deve usar cada uma delas” (Duarte, 2008:13).

Além disto, é importante acrescentar também que “ser um falante proficiente em contextos formais e institucionais, ser um leitor fluente e ser um escritor experiente implicam formas de apreensão do conhecimento que mobilizam um conjunto de processos cognitivos que conduzem à consciencialização do conhecimento já implícito e à análise e explicitação de regras, estratégias e técnicas que terão de ser objecto de um ensino sistematizado, rigoroso e cuidado” (Sim-Sim, Duarte e Ferraz, 1997:28, *apud*

Duarte, 2008:10). Esta consciencialização do conhecimento implícito e a capacidade de explicitar regras são também, de acordo com o presente trabalho, cruciais no processo de tradução. Assim, o tradutor precisa de gastar algum do seu tempo a informar-se sobre as suas línguas de trabalho, a testar as suas capacidades enquanto escritor e a aprender com outros escritores. A tarefa do tradutor não é apenas, como no início se pensava, a de passar um conceito, uma palavra, de uma língua estrangeira para a sua língua. Traduzir é mais do que isso. Traduzir implica do tradutor não apenas uma capacidade de selecção de vocábulos consoante o que melhor se adapta a determinada tradução, mas, principalmente, um conhecimento explícito bastante alargado das regras das duas línguas e o seu aperfeiçoamento, já que a língua está em constante evolução.

Para terminar esta secção deixa-se uma afirmação: o tradutor não pode deixar de ter em mente que “a consciência linguística é uma pré-condição para a fluência de leitura e a proficiência da escrita” (Duarte, 2008:14). É neste sentido que se deve caminhar e é por isso que se considera relevante levar a cabo o estudo a que se procedeu nesta dissertação.

3 - Descrição dos fenómenos em análise

Os três desvios em análise no presente trabalho são a inserção, a omissão e a substituição, já referidos como os principais fenómenos desviantes ocorridos com as preposições em Peres e Mória (1995:108): “Esses problemas podem ser de três tipos: supressão indevida de uma preposição que deveria acompanhar determinado argumento; adição indevida de uma preposição a um argumento que não deveria ser preposicionado; uso de uma preposição distinta daquela que deveria acompanhar um determinado argumento”

Passar-se-á, de seguida, à caracterização de cada um destes desvios, que serão objecto de análise na presente dissertação.

A inserção de preposições é um processo usado pelo falante, que insere uma preposição entre um verbo e um complemento em casos em que este não é preposicionado, alterando, assim, as propriedades de subcategorização do verbo, já que o seu complemento passa a ser preposicionado. Apresenta-se em (1) um exemplo de inserção de preposição.

(1)“Fontes forenses por nós contactadas não perfilharam **deste mesmo ponto de vista** e reafirmaram que as autoridades conhecem casos de tortura e abuso de autoridade.” (*Diário Popular*, 12-12-1986, p. 8, *apud* Peres e Mória, 1995:132).

Outro dos fenómenos desviantes em análise é a omissão, que ocorre quando se elimina uma preposição obrigatória, dadas as propriedades de subcategorização do verbo. A omissão da preposição *de* em contextos de complementação frásica finita é comumente designada por queísmo.

Apresentam-se em (2) e (3) exemplos ilustrativos destes casos: em (2) ocorre uma simples omissão e em (3) apresenta-se um caso de queísmo:

(2)“O Luís e Dacosta são os dois drogados que, depois de tranquilizados e com uma interrupção para se injectarem, acederam **falar um pouco com o EUROPEU.**” (*Europeu*, 13-12-1988, p. 5, *apud* Peres e Mória, 1995:110)

(3) “De manhã, ao pequeno-almoço, (...) os guias Mohamed e Zacarias informam-nos **que a paz foi negociada**; os israelitas tinham acordado sair dos territórios ocupados e Saddam Hussein dava-se por satisfeito.” (*Público*, 22-01-1991, p.15, *apud* Peres e Mória, 1995:119)

No caso da substituição de preposições, o complemento do verbo é efectivamente preposicionado, mas a preposição inserida não é a seleccionada por esse verbo, como se mostra em (4).

(4) “Observações feitas a partir dos telescópios instalados no Observatório de La Silla, no Chile, permitiram concluir que a imagem de um quasar muito distante, conhecido por Q1208+1011, **consiste na realidade de duas imagens muito próximas.**” (*Público*, 10-11-1991, p.26 *apud* Peres e Mória, 1995:150)

Saint-Moulin (2005), que analisou a interlíngua, isto é, a língua intermédia de aprendizagem, de alunos lusófonos em contexto escolar em relação às estratégias de aprendizagem e ensino das completivas infinitivas do Francês, centrou-se também, entre outros, nos fenómenos que afectam as preposições. Importa frisar que, apesar de o trabalho deste autor não se enquadrar no contexto da tradução, como é o caso da presente dissertação, os tipos de desvios em destaque relacionados com as preposições são idênticos e o autor analisa-os efectuando uma comparação entre o Francês e o Português Europeu, o que mostra algumas diferenças e semelhanças entre estas duas línguas. Por essa razão, considera-se importante apresentar aqui as hipóteses exploradas em Saint-Moulin (2005) e as conclusões a que chegou.

No trabalho referido, foram apresentadas as seguintes hipóteses para a ocorrência do fenómeno da inserção: “...la présence d’une préposition ou d’un complémenteur dans des constructions infinitives est:

E1 – possible après des verbes que se construisent avec une préposition ou un complémenteur en portugais mais pas en français.

E2 – impossible après des verbes que, dans les deux langues, se construisent sans préposition ni complémenteur” (Saint-Moulin, 2005 :130).

Se, por um lado, os seus resultados confirmam a primeira hipótese, por outro, este autor também afirma “qu’il existe des erreurs «inattendues», en contradiction avec E2, où une absence de complémenteur dans la L1 n’engendre pas l’absence de complémenteur pour le verbe équivalent dans l’IL” (Saint-Moulin, 2005 :130). Apesar destes erros inesperados, a confirmação da primeira hipótese vem demonstrar que existe uma interferência das propriedades de uma língua na outra, que origina sequências agramaticais.

No caso das omissões, a hipótese apresentada por Saint-Moulin (2005 :129) é a seguinte: “...une absence de préposition ou de complémenteur dans des constructions infinitives est :

D1 – possible après des verbes que se construisent sans complémenteur ou préposition en portugais mais pas en français, ce qui arrive dans des constructions de contrôle de sujet ou de l’OI.

D2 – impossible après des verbes que demandent une préposition ou un complémenteur dans les deux langues”.

Relativamente a esta questão, o estudo de Saint-Moulin (2005) provou que ambas as hipóteses estavam correctas, já que os exemplos que surgem na sua tese foram construídos com base na não realização lexical da preposição em Português, construção agramatical em Francês e, além disso, este autor não encontrou omissões de preposições após os verbos cujos equivalentes em Português se construíam com preposição ou complemento.

Já em relação à substituição de preposição, Saint-Moulin (2005:132) analisa as hipóteses de que “...des apprenants lusophones apprenant le français:

F1 – utilisent un complémenteur ou une préposition inadéquat(e) lorsqu’il (ou elle) correspond à un équivalent portugais.

F2 – n’utilisent pas de complémenteur ou de préposition inadéquat(e) lorsqu’il (ou elle) ne correspond pas à un équivalent portugais”.

Sobre este fenómeno desviante conclui que “La majorité des erreurs relevées s’expliquent selon l’hypothèse F1” (Saint-Moulin, 2005 :132), ou seja, a língua materna do aluno influencia as suas produções na língua estrangeira, facto este que pode ser transposto para a tradução, na vertente contrária, já que a língua de partida, a estrangeira, influencia, muitas vezes, o texto da língua de chegada.

O autor conclui que deve existir uma comparação entre as duas línguas (neste caso, a língua materna e a língua de aprendizagem), já que esta estratégia de comparação auxilia o processo de aprendizagem; afirma também que a L1 não deixará de revelar a sua influência: “une personne acquérant une L2 n’atteindra pas la compétence d’un natif, à cause précisément de l’existence initiale d’une L1” (Saint-Moulin, 2005:191). Estas conclusões são importantes para esta dissertação porque salientam as interferências linguísticas existentes quando se estuda ou trabalha com, pelo menos, duas línguas, facto que não pode ser menosprezado, principalmente no contexto da tradução.

Também Cabral (2005) aborda estes desvios quando analisa os complementos de verbo preposicionados do Português em Angola, em especial as particularidades no emprego de preposições nos referidos complementos. Apesar de não comparar os dados da variante europeia do Português com uma das línguas em análise nesta dissertação, mas sim com a variante africana, o estudo de Cabral (2005) também se debruçou sobre os fenómenos desviantes que envolvem preposições aqui analisados, daí ser interessante apresentar os seus resultados e algumas conclusões. No trabalho referido, a omissão, a

substituição e a inserção de preposição são também visíveis nas produções dos falantes do Português em Angola analisadas. O autor mostra que, em relação à substituição de preposição, o desvio com maior número de casos encontrados, a preposição mais substituída foi *a* e a que mais substituiu outra foi *em*. Em relação à omissão de preposição, o segundo desvio mais frequente, a mais omitida foi *a*. Quanto ao fenómeno inserção, a preposição mais inserida foi *de*. No que à subclasse de verbos mais afectados nos desvios diz respeito, este autor conclui que pertencem ao grupo dos predicadores de 3 lugares, ou seja, verbos que seleccionam 3 argumentos.

Cabral (2005:176) apresenta algumas considerações finais em que salienta que “já é possível formular generalizações para alguns dos desvios encontrados no *corpus* que serviu de base a este estudo sobre a variedade angolana do Português em formação” e admite que a transferência de propriedades (que o autor designa de *transfer*) pode ser um dos factores para justificar os desvios, apesar de ser necessário considerar outros factores, ou seja, mais uma vez se refere a interferência de uma segunda língua nas produções dos falantes que com ela têm contacto.

Arim (2008), também abordou os fenómenos desviantes que ocorrem com preposições, mas centrou o seu estudo em produções recolhidas dos meios de comunicação social portugueses, abordando em especial o queísmo, que pode ser considerado como um caso particular de omissão. Esta autora define o fenómeno de queísmo como sendo a “não-realização da preposição em construções verbais que envolvem a estrutura [verbo + preposição + conjunção que]” (Arim, 2008:47). De salientar que Arim (2008) considera que o queísmo afecta todas as preposições que podem ocorrer na estrutura acima referida, mas, no presente estudo, os casos de queísmo serão encarados apenas como aqueles em que ocorreu um desvio que afecta a preposição *de* naquela estrutura.

Em alguns trabalhos é, ainda, referido o processo inverso ao queísmo – o dequeísmo. Este desvio define-se como a inserção da preposição *de* em completivas finitas, quando a sua realização não é exigida pelo verbo, ou seja, quando a referida preposição não é seleccionada pelo predicador verbal (cf. Duarte, 2003:617).

O presente estudo partiu da ideia de que estes desvios, independentemente do que ocorresse com mais frequência no contexto da tradução, ocorreriam, principalmente, devido à influência da língua do texto de partida. Assim sendo, será necessário analisar os três desvios em conjunto, para ter uma ideia da incidência destes

fenómenos na língua, mas também é importante analisar cada fenómeno desviante consoante as línguas-alvo em consideração neste trabalho para saber se alguma destas potencia a ocorrência destes fenómenos ou se o problema se encontra exclusivamente na língua de chegada. O tipo de tradução, publicada ou não publicada, também será alvo de comparação em relação aos três desvios em estudo. Todas as hipóteses tidas em conta para este estudo serão apresentadas em seguida.

5 - Hipóteses

Tendo em conta a bibliografia sobre a questão que se explora neste estudo e a relevância do mesmo para a tradução, colocaram-se as seguintes hipóteses:

(i) As preposições mais afectadas são as que possuem menos conteúdo semântico, como as preposições *de* e *a*. Entende-se por “conteúdo semântico” o grau de significado da preposição, que, segundo Cunha e Cintra (1985), depende do tipo de relação sintáctica, que pode ser fixa, necessária ou livre. Assim, o menor conteúdo semântico faz com que essas preposições sejam usadas num certo número de contextos, contribuindo para a obtenção de significados variados. Veja-se, como exemplo, a preposição *de*, que pode ter diferentes significados, como os referidos em (5)

- (5)
- a. **posse** em expressões como: o livro **do** professor;
 - b. **proveniência** ou **origem** em expressões como: as orquídeas **da** Madeira;
 - c. **conteúdo** em expressões como: maço **de** cigarros;
 - d. **função** em expressões como: máquina **de** escrever, máquina **de** lavar;
 - e. **modo** em expressões como: andar **de** carro. (Gonzaga, 1999:2)

Gonzaga (1999) também salienta, em conformidade com esta hipótese, que “a preposição *de*, por si só parece não transmitir significado. Além disso, parece ser evidente que os significados atribuídos à preposição *de* resultam da sua combinação com outros elementos, eles sim com significado” (Gonzaga, 1999:2).

(ii) A subclasse a que pertence o verbo que subcategoriza o complemento preposicionado é determinante para dar conta dos desvios em análise.

(iii) Alguns desvios devem-se ao decalque do original, isto é, a uma transferência das propriedades dos verbos da língua de partida para a tradução.

(iv) A frequência de ocorrência dos desvios é determinada pela língua-alvo, ou seja, duas línguas diferentes podem estar na base de um número distinto de ocorrências desviantes.

(v) A publicação da tradução determina um menor número de desvios, já que, como a tradução deve passar por um revisor, os desvios que possam ocorrer durante o processo tradutório serão eliminados.

II – Metodologia

1 – Introdução

Neste capítulo será realizada uma descrição dos textos utilizados, da forma como foi feita a recolha do *corpus* e de como se construiu a base de dados. Além disso, também se descreverá a forma como foram efectuadas a recolha e o tratamento dos dados.

2 – Tipos de Textos

O *corpus* construído para a presente dissertação inclui dados de traduções publicadas e de traduções não publicadas. Pensou-se, em primeiro lugar, em analisar traduções de obras literárias e traduções audiovisuais, mas, por uma questão de coerência e de compilação dos dados, optou-se por usar traduções publicadas e também não publicadas, para avaliar se os diferentes tipos de desvios são menos frequentes após as revisões que se supõe que as traduções publicadas tenham.

Assim sendo, foram analisadas duas obras e respectivas traduções no que diz respeito às traduções publicadas, assinaladas como TP na base de dados: *Os Três Mosqueteiros*, de Alexandre Dumas, que tem como língua-fonte o Francês, e *Moby Dick*, de Herman Melville, cujo original é inglês. Numa primeira fase, as obras eram três, tendo-se optado por eliminar do estudo a obra *Bonjour Tristesse*, de Françoise Sagan, por duas razões: (i) os problemas encontrados não eram significativos para um estudo deste âmbito e (ii) o contraste entre a extensão dos textos publicados e a dos textos não publicados seria ainda maior, já que o total analisado das traduções publicadas foi de cerca de 1200 páginas, enquanto as traduções não publicadas, mais pequenas, não foram além de cerca de 150 páginas.

Para conferir mais uniformidade à amostra, já que a obra em Inglês era substancialmente maior, optou-se por ler, em média, o mesmo número de páginas de ambas as obras, ou seja, cerca de 600 de cada livro, pelo que o livro *Moby Dick* não foi analisado na sua totalidade.

Os outros textos, assinalados com TNP, são traduções não publicadas elaboradas ao longo da licenciatura em Tradução por diversos alunos e em diversas cadeiras, tais como Tradução Literária, Inglês (vários níveis) e Análise Textual. Os textos analisados deste tipo de tradução foram cerca de 35; contudo, apenas 11 continham dados relevantes para o presente trabalho. O número de páginas de traduções não publicadas de onde se retiraram exemplos para a base de dados deste trabalho foi de cerca de 60, tendo em conta apenas os 11 textos. De salientar que foram lidos textos tanto de Inglês como de Francês², mas não foram encontrados casos relacionados com o objecto de estudo desta dissertação nesta última língua em traduções não publicadas.

Os exemplos de textos não publicados foram recolhidos de traduções, em alguns casos parciais e noutros totais, dos seguintes textos: *Working with texts, It can be done, The Medicine Bundle, Enemies within: Thatcher and the Unions, Notes on Exile, Fleeting Happiness, Her First Ball, Thief, Help...I've been throttled by my school tie, Blair backs suspension of class assistant in debate over veil*. Estes textos originais são partes de obras literárias ou académicas, bem como artigos de jornais.

Com a base de dados construída a partir dos textos já referidos pretende-se avaliar até que ponto as traduções publicadas e, em princípio, revistas, possuem menos desvios relativamente às preposições usadas em complementos de verbo preposicionados, já que se assume que uma tradução publicada terá sido alvo de controlos e revista por um profissional da área da Linguística, preferencialmente, e, por isso, tais desvios deveriam ter sido detectados e corrigidos. Em contraste, presume-se que as traduções efectuadas nas aulas podem ter sido efectuadas de forma mais descuidada, pois não existe uma preocupação tão grande com aspectos linguísticos devido, principalmente, à falta de tempo e de experiência para a execução de uma boa tradução, daí julgar-se que haveria mais erros neste tipo de traduções.

3 – Os dados

3.1 – Recolha e tratamento dos dados

Para seleccionar os dados a inserir na base de dados, foram lidas todas as traduções e, em seguida, procurou-se o equivalente no original, pois este era importante

² Para o Inglês foram analisados cerca de 25 textos e para o Francês cerca de 10. De salientar ainda que foram analisadas duas ou mais traduções de alguns textos.

para a análise da tradução, bem como para perceber a presença ou ausência de casos de decalque do original e as diferenças entre traduções publicadas e não publicadas.

Importa ainda referir que foram encontrados mais desvios nestes textos do que apenas os apresentados na base de dados, mas, desde o início do estudo foi dada prioridade aos complementos de verbo, por isso os complementos de nome, os complementos de adjectivo e os modificadores foram eliminados. Assim, não serão apresentados casos desviantes como (1), em que o desvio resulta da substituição da preposição que introduz os complementos frásicos seleccionados pelos adjectivos *relutante* e *envergonhado*:

Além disso, os casos que se consideraram simples gralhas (cf. (2), a título de exemplo), também foram eliminados:

b.
Casei
com
ela
está
fazer
três
anos.

Os dados foram transcritos e inseridos numa base de dados especialmente concebida para o presente trabalho (cf. secção 3.2).

3.2 – Descrição da base de dados

A base de dados, apresentada na totalidade no Apêndice desta dissertação, inclui 9 colunas, correspondendo a primeira aos exemplos na língua original. Na segunda coluna, pode-se encontrar a respectiva tradução. Importa referir que, nestas duas colunas, os exemplos nem sempre correspondem à frase na sua totalidade, mas constituem sempre uma oração com sentido extraída a partir do complemento do verbo e respectiva preposição, evitando frases muito longas para não tornar as entradas da base de dados demasiado extensas.

O tipo de desvio ocorrido na tradução e relevante para o presente trabalho (inserção, omissão e substituição de preposição) está registado na terceira coluna.

Na quarta coluna apresenta-se a preposição envolvida no desvio (nos casos de omissão, em que a preposição seria necessária para a gramaticalidade da frase mas não foi utilizada, esta coluna é preenchida com o símbolo Ø, para assinalar a impossibilidade da não ocorrência de preposição). Por sua vez, na quinta coluna encontra-se o verbo que co-ocorre com a preposição inserida na coluna anterior.

A preposição que devia ter sido utilizada para originar uma frase que não contivesse um desvio vem listada na coluna seguinte, a sexta. Nos casos em que o tradutor inseriu uma preposição num complemento não preposicionado, encontra-se o símbolo Ø, como forma de identificar a impossibilidade de ocorrência dessa preposição.

A sétima coluna indica se a tradução foi considerada um decalque do original relativamente à preposição usada.

A fonte do original encontra-se assinalada na oitava coluna. Nesta coluna são usadas algumas siglas: TP refere-se a tradução publicada e TNP corresponde a tradução não publicada. Nas traduções publicadas, 3M corresponde a *Os Três Mosqueteiros* e MB a *Moby Dick*. Em relação às traduções não publicadas, por serem muitos textos, de várias fontes e com títulos, em alguns casos, mais extensos, decidiu-se manter o título para evitar falhas com textos que pudessem ter as mesmas siglas. No entanto, a referência completa destes textos, que inclui o nome do autor, encontra-se no capítulo da bibliografia.

Por fim, a última coluna, a nona, refere a língua do original, já que um dos objectivos do presente trabalho é avaliar a relação entre a língua-fonte e o desvio presente na tradução.

A base de dados inclui 20 exemplos de traduções não publicadas, 24 exemplos retirados da obra *Moby Dick* e 25 exemplos da obra *Os Três Mosqueteiros*, o que perfaz um total de 69 casos desviantes. Importa recordar que o número de páginas analisadas foi idêntico para as duas obras publicadas, mas os textos não publicados, apesar de serem em maior número, são mais curtos em termos de páginas.

III - Descrição e análise dos dados

1 - Introdução

No presente capítulo, será levada a cabo a descrição dos dados recolhidos das traduções analisadas e inseridos na base de dados, e proceder-se-á à análise dos mesmos tendo em conta as hipóteses formuladas no capítulo I e brevemente enunciadas de seguida:

- (i) As preposições mais afectadas são as que possuem menos conteúdo semântico, como as preposições *de* e *a*;
- (ii) A subclasse a que pertence o verbo que subcategoriza o complemento preposicionado é determinante para dar conta dos desvios em análise.
- (iii) Alguns desvios devem-se ao decalque do original, isto é, a uma transferência das propriedades dos verbos da língua de partida para a tradução.
- (iv) A frequência de ocorrência dos desvios é determinada pela língua-alvo, ou seja, duas línguas diferentes podem estar na base de um número distinto de ocorrências desviantes.
- (v) A publicação da tradução determina um menor número de desvios, já que, como a tradução deve passar por um revisor, os desvios que possam ocorrer durante o processo tradutório serão eliminados.

Este capítulo encontra-se dividido em 8 secções: para além deste primeiro ponto, a Introdução, na secção 2 os dados são descritos e analisados consoante o tipo de

desvio. Na secção 3 são analisadas as preposições envolvidas no desvio, considerando-se não só as preposições inseridas, omitidas ou substituídas, como também as preposições que deviam ocorrer para evitar estes tipos de desvios. As subclasses de verbos que seleccionam o complemento de verbo preposicionado são tidas em consideração na secção 4. Na secção 5, referem-se os casos de decalque do original e, na secção 6, faz-se uma comparação entre traduções publicadas e traduções não publicadas, de acordo com os tipos de desvios e as preposições envolvidas, bem como com a relação entre os referidos tipos de tradução e decalque do original. Na secção 7, analisam-se casos desviantes específicos que, apesar de se enquadrarem nos casos de omissão, substituição e inserção aqui estudados, merecem uma maior atenção por envolverem outros aspectos que requerem uma análise mais aprofundada. Por último, faz-se, na secção 8, uma breve síntese do resultado geral das observações feitas em cada secção.

2 - Tipo de desvio: omissão, substituição e inserção de preposições

Como anteriormente referido, o presente trabalho aborda, principalmente, os três grandes desvios que se verificam no contexto dos complementos de verbo preposicionados: inserção, omissão e substituição da preposição exigida pelo verbo. No caso particular deste trabalho, será dada especial atenção a este tópico no contexto da tradução. Numa primeira fase, a análise dos exemplos recolhidos tem em conta os dados inseridos nestas três categorias de fenómenos desviantes e, em seguida, analisam-se os casos particulares de queísmo e dequeísmo com mais pormenor. Apesar de se tratar de casos de omissão e inserção, respectivamente, estes fenómenos envolvem apenas a preposição *de* e, dada a sua frequência quer nos dados de produções espontâneas dos falantes do Português Europeu, quer no contexto da tradução, considerou-se pertinente analisá-los de forma independente.

Peres e Mória (1995) apresentam vários exemplos de casos problemáticos no que diz respeito à utilização de preposições:

i) Inserção:

- (1) “Fontes forenses por nós contactadas não perfilharam deste mesmo ponto de vista e reafirmaram que as autoridades conhecem casos de

tortura e abuso de autoridade.” (*Diário Popular*, 12-12-1986, p. 8, *apud* Peres e Mória, 1995:132)

ii) Omissão:

- (2) “O Luís e Dacosta são os dois drogados que, depois de tranquilizados e com uma interrupção para se injectarem, acederam falar um pouco com o EUROPEU.” (*Europeu*, 13-12-1988, p. 5, *apud* Peres e Mória, 1995:110)

iii) Substituição:

- (3) “Observações feitas a partir dos telescópios instalados no Observatório de La Silla, no Chile, permitiram concluir que a imagem de um quasar muito distante, conhecido por Q1208+1011, consiste na realidade de duas imagens muito próximas.” (*Público*, 10-11-1991, p. 26, *apud* Peres e Mória, 1995:150)

Os dados recolhidos no âmbito da presente dissertação apresentam igualmente problemas relativos à utilização de preposição, sendo possível encontrar os três tipos de desvio acima exemplificados. O gráfico 1 apresenta a distribuição desses desvios no *corpus* recolhido:

Gráfico 1

Como se pode verificar pelo gráfico acima, foram encontrados 24 casos de omissão, 23 de substituição e 22 de inserção, num total de 69 exemplos desviantes retirados de todas as traduções analisadas, ou seja, traduções publicadas e não publicadas. Refira-se que, dada a extensão dos textos consultados, e dada a frequência deste tipo de desvios nas produções espontâneas dos falantes, como se verificará através de uma consulta do *corpus* *CETEMPúblico*, esperava-se encontrar um maior número de casos desviantes.

A observação destes resultados permite, assim, afirmar que o uso de preposições coloca problemas no contexto da tradução, como também acontece nas produções espontâneas dos falantes do Português como língua materna.

Considere-se, em primeiro lugar, o fenómeno de omissão, que ocorre com mais frequência no *corpus* em análise neste trabalho. O exemplo em (4) ilustra o referido fenómeno³:

- (4) a. Vous accepterez son jugement? – TP – 3M⁴
b. Acreditareis a sua sentença?

Neste caso, verificou-se uma interferência das propriedades de subcategorização do verbo da língua-fonte, num decalque parcial, já que o verbo da língua-alvo não é uma tradução literal do verbo do texto original, apesar de as propriedades usadas serem as do verbo da língua-fonte. Assim, omitiu-se a preposição *em* que introduz o complemento do verbo *acreditar*, registando-se uma alteração da subclasse a que este verbo pertence, ou seja, o verbo transitivo indirecto é usado como transitivo directo. Note-se que, se o tradutor optasse por um verbo sinónimo do original, o resultado seria gramatical:

- (5) Aceitareis a sua sentença?

Contudo, para manter o verbo escolhido pelo tradutor, a forma gramatical correspondente seria⁵:

- (6) Acreditareis na sua sentença?

A substituição de preposição, com 23 ocorrências, é outro dos fenómenos desviantes encontrados. São ilustrativos deste desvio os exemplos que se apresentam em (7) a (9), decorrentes de dois aspectos diferentes que explicam a generalidade dos desvios por substituição encontrados: o cruzamento de propriedade de subcategorização

³ Neste capítulo, aquando da apresentação dos exemplos, optar-se-á, sempre que possível, por apresentar dois casos retirados das traduções publicadas, um para cada língua em análise, e outro em Inglês das traduções não publicadas, já que, no conjunto deste tipo de traduções não se encontrou nenhum exemplo na língua francesa relevante no âmbito deste estudo, como já se referiu anteriormente.

⁴ Os exemplos em (a) são os do original; os exemplos em (b) correspondem à tradução.

⁵ Não se pretendendo aqui discutir as opções dos tradutores, mas sim analisar a forma como empregaram as preposições nos complementos de verbo preposicionados, não se discutirá as opções tradutórias para além das que têm relação directa com o tópico estudado, que diz respeito às propriedades do complemento de verbo, não se fazendo juízos de valor sobre a qualidade das traduções.

de verbos sinónimos na língua-alvo e a interferência de propriedades dos verbos da língua-fonte:

- (7) a. In the length he attains, and in his baleen, the Fine-Back resembles the right-whale. TP – MD
b. Pelo seu tamanho e pela sua barba, a Baleia Rorqual assemelha-se **com** a baleia verdadeira...
- (8) a. ...il pensait à cette jeune et jolie Mme Bonacieux qui devait lui donner le prix de son dévouement... - TP - 3M
b. ...pensava na jovem e bonita Sra. Bonacieux que deveria recompensá-lo **da** sua dedicação...
- (9) a. ...when he is appalled - and elated - to see the black haired girl. - TNP - Thief
b. ...quando se choca - e rejubila - **de** ver a rapariga de cabelo preto.

O desvio ilustrado em (7) resulta do cruzamento de propriedades de subcategorização de verbos sinónimos da língua-alvo: *assemelhar-se* e *parecer-se*. Assim, utilizou-se o verbo *assemelhar-se*, que rege a preposição *a* e não *com*, sendo esta última a que se usa com o verbo *parecer-se*. Considera-se, assim, ter havido um cruzamento de propriedades de subcategorização entre verbos sinónimos. Em (10) apresenta-se o resultado gramatical, que tem em conta as propriedades de subcategorização do verbo *assemelhar-se*:

- (10) Pelo seu tamanho e pela sua barba, a Baleia Rorqual assemelha-se **à** baleia verdadeira...

A ocorrência de (8) encontra outro tipo de explicação. Nesse exemplo, o tradutor utilizou a preposição *de* no complemento do verbo *recompensar*, que rege a preposição *por* e não *de*. Tal desvio decorre da interferência das propriedades de subcategorização do verbo da língua-fonte num decalque parcial do original: efectuou-se a transposição da preposição seleccionada pela expressão “*donner le prix*” para a língua-alvo,

originando uma sequência agramatical. Com efeito, e tendo em conta as propriedades do verbo *recompensar* em Português, a tradução de (8a) seria:

- (11) ...pensava na jovem e bonita Sra. Bonacieux que deveria recompensá-lo **pela** sua dedicação.⁶

O último exemplo de substituição, (9), retirado de uma tradução não publicada, reflecte uma interferência das propriedades de subcategorização dos verbos da língua-fonte. Embora os verbos utilizados na tradução sejam similares aos do original, ilustrando uma tradução literal, a preposição traduzida teve como base a preposição original, *to*. A agramaticalidade deste exemplo decorre, assim, de um factor distinto dos anteriores. Neste caso, verifica-se um problema de tradução de uma preposição do Inglês que, em Português, pode corresponder a diferentes preposições, como se conclui dos dados em (12), que dizem respeito a diferentes traduções da preposição *to* para Português:

- (12) a. (direcção): a, para, até, em
i. To turn to the left
ii. Virar **à** esquerda.
- b. (destinatário): a, para, com
i. He brought a gift to his wife.
ii. Ele trouxe um presente **para** a mulher.
- c. (posição): a
i. To the south of
ii. **A** sul de...
- d. (forma o infinitivo): para, de, a
i. It is easy to understand.
ii. Isso é fácil **de** compreender.
- e. (finalidade, intenção): para
i. She said that to test you.
ii. Ela disse isso **para** te experimentar.

⁶ Não se corrigem problemas relacionados com a pontuação, por não ser esse o objectivo do presente trabalho.

- f. (contiguidade, contacto, proximidade): em, a
- i. He put the sword to the man's throat.
 - ii. Encostou a espada **à** garganta do homem.
- g. (relação): com, de
- i. Married to a Portuguese woman.
 - ii. Casado **com** uma mulher portuguesa.
- h. (limite): a, até
- i. To count from one to twenty.
 - ii. Contar de um **até** vinte.⁷

Assim sendo, para não tornar a sequência agramatical, devia optar-se pela preposição *por*:

- (13) ...quando se choca - e rejubila - **por** ver a rapariga de cabelo preto.

Relativamente ao terceiro desvio em estudo, a inserção de preposição, contabilizam-se 22 casos dos 69 listados na base de dados, como se observa no gráfico 1. Os exemplos (14) e (15) ilustram este tipo de desvio em traduções publicadas:

- (14) a. ...so wildly and eagerly peering towards the horizon... TP – MD
 b. ...perscrutando de um modo tão selvagem e ansiosamente **para** o horizonte.
- (15) a. L'instant qui allait suivre devait, selon toute probabilité, décider du reste de sa vie. - TP - 3M
 b. O instante que se ia seguir devia, segundo todas as probabilidades, decidir **ao** resto da sua vida.

São duas as hipóteses que se podem colocar para explicar a ocorrência deste desvio em (14):

- (i) ou se deu uma transferência das propriedades de subcategorização do verbo da língua-fonte num decalque total, ou seja, utilizou-se um verbo sinónimo mas

⁷ Dados retirados da edição de 2005 do Dicionário Inglês-Português da Porto Editora (p. 1091).

com propriedades de subcategorização distintas (*to peer* selecciona *towards*, enquanto *perscrutar* é um verbo transitivo directo, isto é, cujo complemento não é introduzido por preposição);

(ii) ou resulta do cruzamento de propriedades de dois verbos sinónimos da língua-alvo, *olhar*, que selecciona efectivamente um complemento preposicionado, e *perscrutar*, que o tradutor considerou mais fiel ao original, mas que, como já foi referido, não selecciona um complemento preposicionado.

Assim, seriam possíveis duas traduções – em (16a), mantém-se o verbo seleccionado pelo tradutor; em (16b), utiliza-se o verbo *olhar*:

- (16) a. ...perscrutando de um modo tão selvagem e ansiosamente o horizonte.
b. ...olhando de um modo tão selvagem e ansiosamente **para** o horizonte.

A agramaticalidade do exemplo em (15), por sua vez, decorre de um factor já anteriormente enunciado: a transferência das propriedades de subcategorização do verbo da língua-fonte (*décider*) para a língua-alvo (*decidir*).

Note-se que, em Francês, o verbo *décider* selecciona um complemento introduzido pela preposição *de*. Em Português, porém, este verbo selecciona um complemento não preposicionado, no contexto de complementação finita (*O João decidiu que todos iam ao cinema*) e não finita (*O João decidiu ir ao cinema*). Ao optar por manter uma preposição, o tradutor não respeitou as propriedades de subcategorização do verbo do Português, o que determinou a agramaticalidade. Neste exemplo, a frase adequada seria, então, construída sem a referida preposição:

- (17) O instante que se ia seguir devia, segundo todas as probabilidades, decidir o resto da sua vida.

O mesmo tipo de desvio pode encontrar-se em textos não publicados⁸, como se verifica em (18):

⁸ Recorde-se que não foram encontrados casos desviantes nas traduções não publicadas que têm como língua-fonte o Francês.

- (18) a. Leila put two fingers on Laura's pink velvet cloak... trying to get at the little dressing table and mirror at the far end. - TNP - Her First Ball
b. A Leila pousou dois dedos no manto de veludo cor-de-rosa da Laura... a tentar alcançar **ao** pequeno toucador com espelho na outra ponta da sala.

Este caso de inserção decorre, de novo, da interferência das propriedades de subcategorização do verbo da língua-fonte num decalque total: o tradutor inseriu a preposição *a* no contexto do verbo *alcançar* que, sendo um verbo transitivo directo, em Português selecciona um complemento não preposicionado, o que revela a interferência da língua do texto original. Com efeito, contrariamente ao Português, em Inglês é utilizada uma preposição. Deste modo, (18a) deveria ser traduzido como em (19):

- (19) A Leila pousou dois dedos no manto de veludo cor-de-rosa da Laura... a tentar alcançar o pequeno toucador com espelho na outra ponta da sala.

Sintetizando, os dados recolhidos revelam que os desvios na utilização de preposições diagnosticados para o Português Europeu (cf. Peres e Móia, 1995, entre outros) se mantêm na tradução. Neste contexto, podemos explicar os desvios encontrados da seguinte forma:

- (i) por interferência das propriedades de subcategorização do verbo da língua-fonte (cf. exemplos (8), (9), (14), (15) e (18));
- (ii) por cruzamento de propriedades de subcategorização de verbos sinónimos na língua-alvo (cf. exemplo (7) e (14)).

Relativamente à relação entre o desvio e a língua-fonte considerem-se os quadros seguintes:

**Ins
erç
ão**

Fra Ing
ncê lês
s

5 17

Quadro 1

**O
mis
são**

Fra Ing
ncê lês
s

9 15

Quadro 2

**Su
bst
itui
ção**

Fra Ing
ncê lês
s

11 12

Quadro 3

Como se pode verificar pela análise dos quadros 1 a 3, os casos desviantes são mais frequentes em Inglês, independentemente do tipo de desvio. Tal facto poderia explicar-se pelo maior volume de dados do Inglês, dado que o conjunto de textos não publicados não inclui textos em Francês. Saliente-se, porém, que foram consultados textos não publicados em Francês, mas não se encontraram exemplos desviantes, o que

mostra que, efectivamente, o maior número de casos problemáticos se encontra em traduções do Inglês.

Considere-se, agora, de forma mais pormenorizada, os casos de queísmo e dequeísmo, que até aqui foram considerados casos de omissão e inserção, respectivamente. Sendo verdade que estes fenómenos se enquadram nesses desvios, também é importante referi-los de forma autónoma, já que se trata de construções já estudadas para o Português (cf. Peres e Mória, 1995, Duarte 2003 e Arim, 2008). Consultando Torrego (1999) e Martínez de Sousa (2005), pode-se constatar que o mesmo problema ocorre em Espanhol.

Como já foi anteriormente referido, o queísmo é um caso particular de omissão, envolvendo uma preposição específica, a preposição *de*, em contextos de complementação frásica finita (cf. (20)). Por outro lado, o dequeísmo prende-se com a inserção indevida da referida preposição nos mesmos contextos, como em (21):

(20) “[...] Recordemo-nos que o Presidente dos Estados Unidos da América é um conspirador e um traidor”, escreve Saddam.”. (Peres e Mória, 1995, *apud* Duarte, 2003: 619)

(21) “Penso de que o árbitro favoreceu os nossos adversários.” (Peres e Mória, 1995, *apud* Duarte, 2003: 618)

O que se torna interessante no *corpus* recolhido é que, num total de 24 omissões, os casos de queísmo são 18, existindo apenas 6 casos de outras omissões, como se pode constatar pelo gráfico 2:

Gráfico 2⁹

Estes resultados sugerem que, dentro da área crítica que é o uso de preposições, o queísmo é um dos fenómenos mais frequentes. Por oposição ao queísmo, não foi encontrado no *corpus* nenhum caso de dequeísmo. A ausência do mesmo poderá dever-se ao facto de o falante optar por eliminar a preposição na maior parte das vezes e não

⁹ De salientar que apenas um caso de outras omissões não envolve a preposição *de*. Como os outros 5 em que há omissão da preposição *de* não são completivas finitas introduzidas por *de* (*que*), não são considerados casos de queísmo.

por inseri-la e, no caso da tradução, porque em Inglês e em Francês as completivas finitas não são preposicionadas.

Considerem-se, assim, alguns exemplos de queísmo que se encontram no *corpus* recolhido. Os exemplos (22) e (23) pertencem a traduções publicadas; (24) é retirado de uma tradução não publicada¹⁰.

- (22) a. ...et nous aurons, je vous en préviens, à parler plus tard de cela. - TP - 3M
b. ... e desde já vos previno que teremos de falar a esse respeito mais tarde.
c. ... e desde já vos previno **de** que teremos de falar a esse respeito mais tarde.
- (23) a. He has his orders, mind ye that. – TP – MD
b. Não se esqueçam que ele tem as suas ordens.
c. Não se esqueçam **de** que ele tem as suas ordens.
- (24) a. She recognised that ordinary people, among them many trade unionists, were fed up with incessant strikes. - TNP - Enemies within: Thatcher and the Unions
b. Thatcher apercebeu-se que a população em geral, entre ela muitos sindicalistas, estavam fartos das inúmeras greves.
c. Thatcher apercebeu-se **de** que a população em geral, entre ela muitos sindicalistas, estavam fartos das inúmeras greves.

São dois os factores que concorrem para a ocorrência do queísmo nas traduções analisadas:

- (i) o facto de este ser um fenómeno frequente nos mesmos contextos do Português Europeu;
- (ii) o facto de nem o Francês nem o Inglês disporem de completivas finitas preposicionadas, o que pode interferir nas opções do tradutor.

¹⁰ Em (b) apresenta-se o exemplo constante da tradução; em (c) a correcção do desvio.

Segue-se o quadro que ilustra os casos de queísmo consoante a língua do texto original:

Ca Ca
sos sos
de de
qu qu
eís eís
mo mo
em em
Fr Ing
anc lês
ês

6 12

Quadro 4

A observação deste quadro permite verificar que o queísmo ocorreu frequentemente nas traduções de ambas as línguas analisadas neste trabalho, apesar de em Inglês ser mais frequente do que em Francês. Dado que se observam casos de queísmo relacionados com as duas línguas de partida, não se pode concluir que esses casos decorrem de particularidades de uma única língua.

Segundo Duarte (2003:619-620), os casos de queísmo são favorecidos por “completivas dependentes de verbos que, quando se constroem com dois argumentos, podem seleccionar um complemento frásico não preposicionado, mas cujo argumento frásico é necessariamente preposicionado quando se constroem com três argumentos” ou ainda por completivas seleccionadas por “verbos que, quando se constroem sem pronome reflexo, seleccionam como objecto directo um complemento não preposicionado (...), mas que, quando se constroem com um pronome reflexo, exigem que esse complemento seja preposicionado”. O primeiro contexto referido encontra-se ilustrado em (25), o segundo em (26):

- (25) “ [...] o senhor secretário de Estado ainda nos convence que pagar impostos faz bem à saúde.” (Peres e Mória, 1995, *apud.* Duarte, 2003:619)
- (26) “ [...] Recordemo-nos que o Presidente dos Estados Unidos da América é um conspirador e um traidor”, escreve Saddam.” (Peres e Mória, 1995, *apud.* Duarte, 2003:619)

A explicação de Duarte (2003) para o queísmo é adequada aos exemplos que constam do *corpus* em análise na presente dissertação. Em (27) encontra-se um exemplo para o caso que em o verbo se constrói com três argumentos e (28) corresponde a um caso em que o verbo se constrói com um pronome reflexo:

- (27) a. It is difficult to remember, they come from an entirely different hemisphere. - TNP - Notes on Exile
b. É difícil lembrarmo-nos que vêm de um hemisfério completamente diferente.
- (28) a. Some people might remind you that the holymen... - TNP - Fleeting Happiness
b. Algumas pessoas podem lembrar-vos que os homens santos...

Na secção 4, esta questão será retomada com mais pormenor, tendo em conta as propriedades dos verbos envolvidos.

3 - Preposições envolvidas no desvio

As preposições são categorias lexicais que seleccionam complementos e às quais podem estar associados valores semânticos. O facto de algumas preposições poderem ser usadas em diferentes contextos, assumindo diferentes valores semânticos, bem como o facto de existirem verbos que podem co-ocorrer com mais do que uma preposição dificulta a utilização daquelas, pelo que o seu uso é, em alguns contextos, considerado uma área crítica no Português Europeu, que se reflecte, obviamente, na tradução.

Considere-se um verbo como *olhar*, em (29), ilustrativo da possibilidade de um mesmo verbo ter distintas propriedades de subcategorização, podendo exigir diferentes preposições, alterando-se o seu significado básico. De acordo com Casteleiro (2007), o verbo *olhar*, que pode ser transitivo directo, transitivo indirecto ou construído com pronome, pode ter as seguintes regências e significados:

(29) *Transitivo directo:*

- a. Dirigir os olhos: O turista olhou a paisagem.
- b. Encarar: O polícia olhava o assaltante de frente.
- c. Consultar: O estudante nem olhara o dicionário.

(30) *Transitivo indirecto, associado a diferentes preposições:*

- a. Dirigir os olhos: Os espectadores olhavam para o palco.
- b. Avaliar: O médico olhara para o problema com cautela.
- c. Restringir: O casal não olhava a despesas.
- d. Cuidar de: Ó homem, você tem de olhar pela sua saúde.
- e. Localizar-se: A casa olha sobre o rio.

(31) *Construção com pronome:*

- a. Contemplar-se: Ela olhou-se ao/no espelho antes de sair.
- b. Contemplar-se: Os amigos olhavam-se de maneira cúmplice.¹¹

Como Radford (1988:345) salienta, “the choice of Preposition used to introduce the PP Complement in each case will have to be specified in the relevant lexical entry...”. Assim, todos os dicionários deviam conter na entrada de cada verbo as preposições que introduzem os seus complementos, especificando os casos em que podem ser usadas diferentes preposições, com alterações de significado, se assim acontecer. Contudo, como se pode comprovar, isso nem sempre acontece nos dicionários de língua portuguesa, o que pode dificultar a actividade tradutória. Tal facto pode ser testemunhado com base na consulta de Costa e Melo (1995), um dicionário regular, que, na entrada do verbo *olhar*, dispõe apenas da lista dos seus significados,

¹¹ Todos os exemplos foram retirados da entrada do verbo *olhar* de Casteleiro (2007:581).

sem qualquer alusão às suas propriedades de subcategorização, nomeadamente, no que às preposições diz respeito.

Considere-se, em seguida, uma breve definição da categoria preposição. Segundo Ferreira (2000), existe uma distinção relacionada com o aspecto funcional das preposições: por um lado, existem “as preposições que indicam prioritariamente uma relação gramatical (em sentido lato) – por exemplo *a, de* (quando obrigatórias em determinadas estruturas verbais ou adjectivais) -, e, por outro, as que designam sobretudo relações lexicais, como por exemplo *em frente de, à volta de*” (Ferreira, 2000:3). Também Abney (1987) aborda este assunto e Cabral (2005:93) refere aquela autora da seguinte forma: “Na classificação das principais categorias sintácticas propostas por Abney (1987:63), a preposição é colocada entre os elementos [-F]¹², ou seja, elementos não funcionais ou lexicais, porém de modo interrogado.” O autor sublinha ainda que esta interrogação pretende dar conta de casos em que a preposição é [-F] e de casos em que é [+F] e introduz a distinção entre elementos temáticos e funcionais, que Abney explora no capítulo sobre selecção funcional:

- i. “Functional elements constitute close lexical classes;
- ii. Functional elements are generally phonologically and morphologically dependent. They are generally stressless, often clitics or affixes, and sometimes even phonologically null;
- iii. Functional elements permit only one complement, which is in general not an argument. The arguments are CP, PP, and (I claim) DP. Functional elements select IP, VP, NP;
- iv. Functional elements are usually inseparable from their complements;
- v. Functional elements lack what I will call “descriptive content”. Their semantic contribution is second-order, regulating or contributing to the interpretation of their complement. They mark grammatical or relational features, rather than picking out a class of objects.” (Abney, 1987:64-68)

Contudo, Cabral (2005:94) afirma que “nenhum dos itens deste conjunto de propriedades satisfaz, completamente, os requisitos da categoria preposição, visto que, em nenhuma das propriedades é possível encaixar completamente a categoria preposição”. Daqui se depreende que a própria definição de preposição também se

¹² Em [-F] e [+F], F refere-se a funcional

considera problemática, o que pode dificultar a identificação destes elementos por parte do falante, constituindo uma explicação adicional para o facto de esta ser uma área crítica no Português Europeu.

Tendo em conta os problemas que a categoria preposição pode colocar, nomeadamente no que diz respeito ao seu significado e à multiplicidade de preposições que um mesmo verbo pode exigir, importa agora conhecer as preposições que mais problemas suscitam no *corpus* em análise, de forma a poder tirar ilações sobre o que pode provocar esse fenómeno mais com determinadas preposições do que com outras.

Em primeiro lugar, considere-se o gráfico 3, que inclui o número de ocorrências de preposições desviantes na totalidade dos fenómenos, ou seja, as preposições usadas de forma agramatical, originando um desvio (inserção ou substituição):

Gráfico 3

De salientar que no gráfico 3 não figuram os casos em que se omitiu de forma agramatical a preposição, pois nestes casos, apesar de existirem problemas, estes prendem-se com a ausência de preposição. No quadro 7, adiante, serão apresentados os dados relativos à omissão de preposição.

Pode-se confirmar pelos dados do gráfico 3 que a preposição que mais ocorre em fenómenos desviantes é *em*, com 19 ocorrências no total dos desvios, correspondendo a 42% dos mesmos. A preposição *em* pode ter vários significados consoante o verbo com que co-ocorre. Veja-se alguns exemplos em (32):

- (32)
- a. Nesta altura não se deve falar *em* eleições.
 - b. Ao entrar *em* casa, deparei-me com uma situação desagradável.
 - c. O segredo da receita consiste *em* juntar uma pitada de sal.
 - d. Essa manifestação decorreu *em* 1989.

Em (33) – (35), apresentam-se alguns exemplos do *corpus*, ilustrativos do uso desviante da preposição *em*. Os exemplos (33) e (34) são de traduções publicadas e (35) pertence a uma não publicada:

- (33) a. ...perhaps we may become jolly good bed fellows after all - there's no telling. – TP – MD
 b. ...quem sabe se não nos iremos tornar afinal **em** bons companheiros de sono.
- (34) a. J'ai reçu l'ordre d'aller vous prendre en mèr et de vous conduire en ce chateau. – TP – 3M
 b. ...recebi ordens para vos ir buscar **no** mar e para vos conduzir a este castelo.
- (35) a. ...Ms Winther had hopes of it becoming a regional museum of enviable quality. - TNP - The Medicine Bundle
 b. ...a sra. Winther tinha esperança de que o museu se tornasse **num** espaço de qualidade invejável.

Os exemplos (33) e (35) constituem casos de inserção, frequentes nas produções dos falantes do Português Europeu no contexto do verbo *tornar*, e (34) é um caso de substituição.

A preposição que aparece em segundo lugar como a mais envolvida em casos desviantes é a preposição *de*, com 11 ocorrências agramaticais, o que corresponde a 24%. Seguem-se alguns exemplos que envolvem a referida preposição:

- (36) a. ...accompanying Old Ahab in the Pequod to lay the world's grievances before that bar... - TP – MD
 b. ...acompanhando o Velho Ahab no Pequod para testemunharem **das** injustiças do mundo...
- (37) a. ...il pensait à cette jeune et jolie Mme Bonacieux qui devait lui donner le prix de son dévouement... - TP – 3M
 b. ...pensava na jovem e bonita Sra. Bonacieux que deveria recompensá-lo **da** sua dedicação...

- (38) a. ... ban on a staff member wearing a cross. - TNP - Blair backs suspension of class assistant in debate over veil
b. ... por banir um empregado **de** usar um crucifixo.

No exemplo (36), estamos, de novo, perante um caso de inserção, enquanto (37) e (38) são casos de substituição.

A preposição *de* encontra-se em todos os desvios, incluindo a omissão. Recorde-se que os casos de queísmo, em que esta preposição seria inserida de forma correcta, mas foi omitida, abundam na base de dados deste trabalho (cf. secção 2). Com efeito, como já referido, a omissão de preposição ocorreu em 24 dos 69 casos que surgem na base de dados, 23 dos quais envolvendo a preposição *de*. Este valor deve-se, sobretudo, aos casos de queísmo (18 na totalidade).

Ainda merecedoras de destaque encontram-se as preposições *para*, com 5 ocorrências (11%), e *a*, com 4 (9%). À excepção da preposição *com*, que regista duas ocorrências, todas as outras preposições encontradas (*contra*, *durante*, *por* e a junção *por sobre*) ocorreram apenas em uma produção desviante cada uma.

Em seguida apresenta-se o gráfico relativo às preposições correctas (gráfico 4)¹³, ou seja, as que deveriam constar das sequências, a fim de evitar os desvios em análise:

Gráfico 4

A preposição *de* foi a que mais problemas causou (51%), principalmente devido aos casos de queísmo, como já referido. Seguem-se dois exemplos ilustrativos deste fenómeno, – (39) de uma tradução publicada e (40) de uma não publicada; (c) corresponde à sequência gramatical.

- (39) a. ...il y va la tête, je vous avertis. - TP – 3M
b. Aviso-vos que está em jogo a vossa vida.
c. Aviso-vos **de** que está em jogo a vossa vida.

¹³ De salientar que no gráfico 4 não foram contabilizados as ocorrências em que a ausência de uma preposição constituiria uma sequência gramatical, já que não existe qualquer preposição correcta nestes casos.

- (40) a. It is difficult to remember, they come from an entirely different hemisphere. - TNP - Notes on Exile
 b. É difícil lembrarmo-nos que vêm de um hemisfério completamente diferente.
 c. É difícil lembrarmo-nos **de** que vêm de um hemisfério completamente diferente.

Em (41) e (42) encontram-se exemplos que seriam gramaticais com a preposição *de*, mas que não são casos de queísmo.

- (41) a. D'Artagnan, entendant jurer le mousquetaire, voulut sortir de dessous le manteau qui l'aveuglait, et chercha son chemin... - TP – 3M
 b. ...d'Artagnan quis sair debaixo da capa, que o cegava, e procurou abrir caminho...
 c. ...d'Artagnan quis sair **de** debaixo da capa, que o cegava, e procurou abrir caminho...
- (42) a. England need to play keep-ball to check the Romanian counter-attack. - TNP - Working with texts
 b. Inglaterra precisa jogar à defesa para lidar com o contra-ataque romeno.
 c. Inglaterra precisa **de** jogar à defesa para lidar com o contra-ataque romeno.

Estes casos, como ilustrado na alínea (c), não seriam desviantes se a preposição *de* tivesse sido inserida.

Também a preposição *a* foi problemática, ocorrendo em 10 casos do *corpus* desta dissertação, o que corresponde a 21% dos casos considerados para o gráfico 4. Seguem-se os exemplos (43) e (44), que ilustram o caso em que a preposição *a* foi substituída, como se pode verificar pelo exemplo em (c):

- (43) a. Le soir, M. de Tréville vint au jeu du roi. – TP – 3M
 b. À noite, o Sr. De Tréville compareceu **no** jogo do rei.

c. À noite, o Sr. De Tréville compareceu **ao** jogo do rei.

- (44) a. The dormman rushed to help her. - TNP - The Medicine Bundle
b. O porteiro apressou-se **para** a ajudar¹⁴.
c. O porteiro apressou-se **a** ajudá-la.

De salientar que os exemplos apresentados em (43) e (44) são ambos casos de substituição, já que na base de dados não existem outros em que a utilização da preposição *a* daria origem a uma sequência gramatical, como se verifica no quadro 6.

As outras preposições que deveriam ter sido utilizadas são: *por*, em 5 casos (11%), *para*, em 4 (9%), e *em* e *sobre* em 2 exemplos, respectivamente (4%).

Considere-se, agora, a relação entre as preposições e o tipo de desvio. Os quadros 5 e 6 dizem respeito aos casos de substituição. No primeiro, contabilizam-se as preposições usadas para substituir outras e, no segundo, as preposições substituídas:

**Pre Nú
pos me
iã ro
o de
usaoco
da rrê
em nci
su as
bst
itui
çõe
s**

¹⁴ A sequência é gramatical se a expressão “para a ajudar” for identificada como uma subordinada adverbial final, caso em que o verbo seria intransitivo. No contexto em questão, considera-se que (c) é a alternativa mais adequada.

Em 8

De 7

Par 3

a

A 2

Por 1

Co 1

nter

a

Co 1

m

Quadro 5

**PreNú
pos me
içã ro
o de
su oco
bst rrê
ituínci
da as**

A 10

Por5

Par 4

a

De 1

Em 1

So 1¹⁵

bre

Quadro 6

Nos casos de substituição, a preposição *em* foi a mais usada dando origem a uma sequência agramatical: 8 vezes em 23, o que corresponde a 34,8% dos casos. Apresenta-se em (45) um exemplo ilustrativo:

- (45) a. Le soir, M. de Tréville vint au jeu du roi. – TP – 3M
b. À noite, o Sr. De Tréville compareceu **no** jogo do rei.
c. À noite, o Sr. De Tréville compareceu **ao** jogo do rei.

A preposição *de* aparece em segundo lugar, com 7 ocorrências (30,4%). Veja-se o exemplo (46), que ilustra este caso:

- (46) a. ...when he is appalled - and elated - to see the black haired girl. - TNP
- Thief
b. ...quando se choca - e rejubila - **de** ver a rapariga de cabelo preto.
c. ...quando se choca - e rejubila - **por** ver a rapariga de cabelo preto.

Por fim, registam-se a preposição *para*, com 3 ocorrências (13%), *a*, com 2 (8,7%) e, as preposições *por*, *contra* e *com* contabilizam uma única ocorrência em todos os casos de substituição encontrados (4,3%).

¹⁵ Nas tabelas 2 – 6 não foram contabilizados os casos em que a coluna da preposição correcta aparece em branco, casos esses que serão analisados na secção 7.

Ao analisar-se o quadro 6, pode-se verificar que a preposição mais substituída foi a preposição *a*, com 10 ocorrências em 23 casos desviantes (43,5%). Apresenta-se em seguida um exemplo deste caso, com a alternativa gramatical em (c):

- (47) a. J'ai reçu l'ordre d'aller vous prendre en mèr et de vous conduire en ce château. – TP – 3M
b. ...recebi ordens para vos ir buscar **no** mar e para vos conduzir a este castelo.
c. ...recebi ordens para vos ir buscar **ao** mar e para vos conduzir a este castelo.

Em seguida, ocorrem as preposições *por*, substituída em 5 casos (21,8%), e a preposição *para*, em 4 (17,4%). O exemplo (48) é relativo à preposição *por*, e em (49) encontra-se o exemplo que envolve a preposição *para*:

- (48) a. ...il pensait à cette jeune et jolie Mme Bonacieux qui devait lui donner le prix de son dévouement... - TP – 3M
b. ...pensava na jovem e bonita Sra. Bonacieux que deveria recompensá-lo **da** sua dedicação...
c. ...pensava na jovem e bonita Sra. Bonacieux que deveria recompensá-lo **pela** sua dedicação...
- (49) a. ... the battlemode she had recently adopted for the Falklands conflict was directed towards a new combatant. - TNP - Enemies within: Thatcher and the Unions
b. ... a estratégia militar que tinha recentemente adoptado no conflito nas ilhas Falklands foi redireccionada **contra** outro opositor.
c. ... a estratégia militar que tinha recentemente adoptado no conflito nas ilhas Falklands foi redireccionada **para** outro opositor.

Além destas, também as preposições *de*, *em* e *sobre* foram substituídas de forma desviante uma vez cada (4,4%).

Importa ainda referir um caso de substituição que, na base de dados, na coluna “preposição certa” se assinala “em branco”, porque é um caso específico em que a troca, inserção ou omissão da preposição iria continuar a provocar a agramaticalidade, já que existe também uma escolha inadequada da forma verbal. Este exemplo e outros semelhantes serão analisados na secção 7.

- (50) a. L'officier prit sur la table les papiers désignés... - TP – 3M
b. O oficial pegou **da** mesa papéis designados...

A preposição *em*, a mais envolvida em casos de substituição, foi usada 4 vezes para substituir a preposição *a* e duas vezes para a preposição *para*. As outras substituições em que a preposição *em* se vê envolvida estão relacionadas com as preposições *por*, *de* e *sobre*, uma vez apenas. Nestes casos, as últimas preposições referidas eram as regidas pelo verbo e não a preposição que foi escolhida pelo tradutor.

A preposição *de*, a segunda preposição com resultados de relevo em casos de substituição ocorre 4 vezes em vez da preposição *por*. São, ainda, de referir as preposições *a* e *para*, que foram substituídas uma vez cada pela preposição *de*.

Relativamente ao fenómeno de omissão, considere-se o quadro 7, que diz respeito às preposições omitidas:

**PreNú
pos me
içã ro
o de
omoco
itidrrê
a nci
as**

De 23

Em 1

Quadro 7

Como se conclui desta tabela, apenas duas preposições foram omitidas: *de* e *em*. Os casos de queísmo são os mais frequentes, ou seja, a preposição *de* em contextos de completivas finitas foi a omitida mais vezes: 18 ocorrências (75%), o que é conforme com a literatura sobre o assunto, que refere a frequência deste fenómeno em várias línguas (ver, entre outros, Peres e Mória, 1995; Torrego, 1999; Duarte, 2003; Martínez de Sousa, 2005; Arim, 2008). A preposição *de* foi omitida ainda em outros 5 contextos onde seria necessária, que não envolvem queísmo. (51) e (52) constituem exemplos de queísmo; (53) é um caso de omissão da preposição *de* que não envolve queísmo:

- (51) a. He has his orders, mind ye that. – TP – MD
b. Não se esqueçam que ele tem as suas ordens.
- (52) a. She recognised that ordinary people, among them many trade unionists, were fed up with incessant strikes. - TNP - Enemies within: Thatcher and the Unions
b. Thatcher apercebeu-se que a população em geral, entre ela muitos sindicalistas, estavam fartos das inúmeras greves.
- (53) a. ...dit le roi, qui jouissait de cet embarras dans toute son étendue...– TP – 3M
b. ... insistiu o rei, que desfrutava aquele embaraço em toda a sua extensão.

Em (54) regista-se o outro caso de omissão, mas, aqui, a preposição omitida foi *em*, necessária no contexto em que ocorre o verbo *acreditar*, dadas as propriedades de subcategorização deste verbo:

- (54) a. Vous accepterez son jugement? - TP - 3M
b. Acreditareis a sua sentença?

Relativamente a (54), refira-se, de novo, que, como acontece em muitos outros registos desta base de dados, o problema pode advir da troca de verbos aquando da revisão, acabando por se manter as propriedades de subcategorização do primeiro verbo

seleccionado pelo tradutor, ou seja, dá-se um cruzamento de propriedades entre os verbos: neste caso entre *aceitar*, que é um verbo transitivo directo (logo, sem complemento preposicionado) e *acreditar*, um verbo transitivo indirecto.

Apresenta-se, em seguida, o quadro 8, relativo às preposições inseridas:

PreNú
pos me
içã ro
o de
ins oco
eri rrê
da nci
as

Em 11

De 4

A 2

Par 2

a

Co 1

m

Por 1

/so

bre

Du 1

ran

te

Quadro 8

Este quadro mostra que a preposição *em* foi a mais inserida, com 11 ocorrências em 22 casos (50%). Seguem-se alguns exemplos, sendo (55) de uma tradução publicada e (56) de uma não publicada:

- (55) a. But when a man's religion becomes really frantic... - TP – MD
b. Mas quando a religião de um homem se torna **num** fanatismo...
- (56) a. Eton has become a metaphor for the whole class system... - TNP -
Help...I've been throttled by my school tie
b. Eton tornou-se **numa** metáfora para todo o sistema de classes...

Com 4 ocorrências surge a preposição *de*, o que corresponde a 18,2%. Vejam-se os exemplos seguintes, retirados das duas traduções publicadas, dado que não se encontrou qualquer exemplo deste tipo em traduções não publicadas:

- (57) a. Je ne tiens pas assez à la vie pour craindre la mort. – TP – 3M
b. Não tenho grande apego à vida para recear **da** morte.
- (58) a. ...accompanying Old Ahab in the Pequod to lay the world's grievances before that bar... - TP – MD
b. ...acompanhando o Velho Ahab no Pequod para testemunharem **das** injustiças do mundo...

Nestes casos, a preposição *de* foi inserida de forma desviante, o que originou uma sequência agramatical, já que nenhum dos verbos selecciona qualquer preposição.

As preposições *a* e *para* surgiram em dois casos, cada (9,1%). *Com*, *durante*¹⁶ e *por/sobre* foram inseridas uma vez cada (4,5%), em frases com verbos que não admitem a sua utilização.

¹⁶ Convém referir que se colocou o exemplo com a preposição *durante* na base de dados porque esta palavra já se encontra classificada como preposição em alguns textos. Bechara (2002:305), por exemplo, inclui esta palavra na sua lista de principais preposições e locuções prepositivas e refere ainda que “são

Em seguida apresenta-se o exemplo em que foram inseridas duas preposições (*por* e *sobre*) quando apenas uma seria necessária:

- (59) a. ...saw a swinging sign over the door... - TP – MD
b. ...vi uma tabuleta que balançava **por sobre** a porta...¹⁷

Ao analisar as duas línguas-fonte, verifica-se que a preposição mais inserida em casos desviantes de traduções do Inglês foi *em*, com 9 ocorrências, e em Francês foram *de* e *em*, com um número idêntico de ocorrências, duas. Já a preposição mais omitida foi *de*, nas duas línguas: 9 casos em Francês e 15 em Inglês, devido, principalmente, e como já referido, aos casos de queísmo. Por último, a preposição mais substituída em Inglês foi a preposição *a*, com 4 ocorrências, preposição também mais substituída em Francês, com 6 ocorrências. Estes resultados demonstram que o problema existente com as preposições não está relacionado apenas com as línguas do original, mas, principalmente, com o facto de se tratar de uma área crítica na própria língua-alvo. Com efeito, veja-se que, em ambas as línguas, (i) a preposição *em* é das mais inseridas; (ii) a preposição *de* é a mais omitida e (iii) a preposição *a* é a mais substituída.

Os dados apresentados confirmam a hipótese de que as preposições mais afectadas são, geralmente, as que têm um menor conteúdo semântico, isto é, aquelas que assumem um maior número de significados em função do verbo com que co-ocorrem, não exibindo um único significado em todos os contextos. Veja-se o exemplo da preposição *em*, que, segundo Bechara (2001:315,316), “denota:

- a. Lugar onde, situação, em sentido próprio ou figurado:
“Formam-se mais tempestades *em* nós mesmos que *no* ar, *na* terra e *nos* mares.”
- b. Tempo, duração, prazo:

acidentais as palavras que, perdendo o seu valor e emprego primitivo, passaram a funcionar como preposições: *durante*, *como*, *conforme*, *feito*, ... (Bechara, 2002:301). Cunha e Cintra (2002) afirmam: “Tais preposições [preposições simples] denominam-se também essenciais para se distinguirem de certas palavras que, pertencendo normalmente a outras classes, funcionam às vezes como preposições e, por isso, se dizem preposições acidentais. Assim: *afora*, *conforme*, *consoante*, *durante*, ... *op. cit.*: 2002:375)

¹⁷ Bechara (2002) afirma que a utilização de duas preposições em conjunto serve para “dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma o seu sentido primitivo” (*op. cit.*: 2002:301), ou seja, para dar mais realce à situação. Considera-se, porém, mais natural a frase em que apenas uma preposição ocorre:

- i. ...vi uma tabuleta que balançava *sobre* a porta...

“Os homens *em* todos os tempos, sobre o que não compreenderam, fabularam.”

c. Modo, meio:

Foi *em* pessoa receber os convidados.

d. A nova natureza ou forma em que uma pessoa ou coisa se converte, disfarça, desfaz ou divide:

“O homem de juízo converte a desgraça *em* ventura, o tolo muda a fortuna *em* miséria.”

e. Preço, avaliação:

A casa foi avaliada *em* milhares de reais.

f. Fim, destinação:

Pedir *em* casamento.

g. Estado, qualidade ou matéria:

Ferro *em* brasa.

h. Causa, motivo:

“Há povos que são felizes *em* não ter mais que um só tirano.”

i. Lugar para onde se dirige um movimento, sucessão, em sentido próprio ou figurado:

Entrar *em* casa.

j. Forma, semelhança, significação de um gesto ou acção

“Resoluta estendeu os braços, juntando as mãos *em* talhadeira e arrojou-se d’alto, mergulhando...”

Como se pode constatar, esta preposição possui variados usos, associados a distintos significados e a distintas funções sintácticas de acordo com o verbo que a selecciona, o que pode explicar o facto de ser das mais envolvidas de forma desviante nos diferentes fenómenos.

Em resumo, verifica-se que a hipótese de as preposições mais afectadas serem as que possuem menos conteúdo semântico foi confirmada e que o *queísmo* é um fenómeno frequente nas produções de falantes do Português Europeu. Além disto, também se pode comprovar que as preposições mais envolvidas nos desvios são, na generalidade, as mesmas em ambas as línguas, o que confirma que se trata de um problema no Português Europeu, que é transferido para as traduções que têm esta língua como ponto de chegada.

4 – Subclasses de verbos envolvidos no desvio

Nesta secção, proceder-se-á à descrição dos verbos envolvidos no desvio, a fim de avaliar se existem propriedades específicas que, de alguma forma, possam explicar os desvios em análise. Discute-se se as várias subclasses a que um mesmo verbo pode pertencer dificultam a utilização de uma preposição, porque, enquanto transitivo directo não exige preposição, como transitivo indirecto exige umas e quando é verbo reflexo ainda se pode construir com outras. Como o verbo pode ocorrer com diversas preposições, o falante pode enfrentar problemas aquando da escolha da preposição a utilizar num determinado contexto. Contudo, este factor não pode explicar todos os desvios ocorridos; veja-se, por exemplo, o verbo *tornar*, que é sempre transitivo-predicativo, tendo, por isso, um único quadro de subcategorização, mas que ocorre com uma das preposições mais frequentes nos desvios, a preposição *em*.

O verbo *tornar* foi o que surgiu mais vezes associado a fenómenos desviantes, com 9 ocorrências. Em todos os exemplos, este verbo co-ocorre com a preposição *em*. Casteleiro (2007) refere que o verbo *tornar*, como sinónimo de *transformar*, pode aparecer com a preposição *em* formando um complemento preposicionado:

(60) As ervas daninhas tornaram o jardim num matagal.

Contudo, o referido dicionário inclui ainda outro exemplo relativo ao verbo *tornar* com o mesmo sentido de (60) em que a preposição já não é mencionada:

(61) A influência daquele amigo tornou o empresário um homem mais honesto.

Também Busse (1994) inclui na entrada do verbo *tornar* um exemplo em que ocorre a preposição *em*:

(62) A bruxa tornou a princesa numa rã.

Houaiss (2002), por sua vez, apresenta apenas o verbo *tornar* como transitivo directo (cf. (63)), o que confirma a ausência de consenso relativa às propriedades de subcategorização deste verbo.

(63) A tinta tornou azul a água.

Neste trabalho considerar-se-á que o verbo *tornar* não selecciona a preposição *em*. Seguem-se alguns exemplos ilustrativos do uso desviante do referido verbo:

(64) a. ...through those forms that same sultanism became incarnate in a irresistible dictatorship. – TP – MD

b. ...acabava por se evidenciar através dessas fórmulas e tornava-se irresistivelmente **num** comportamento ditatorial.¹⁸

(65) a. The latter happened in one city, Liverpool, but became an emblem of the chaos... - TNP - Enemies within: Thatcher and the Unions

b. Este último caso aconteceu na cidade de Liverpool, mas tornou-se **no** emblema do caos...

O verbo transitivo-predicativo *tornar* ocorre em 9 dos 11 casos de inserção da preposição *em*, reflectindo as produções de muitos falantes do Português Europeu, como se pode comprovar quer em *corpus* escrito, quer em *corpus* oral. Para verificar estes dados, efectuou-se uma pesquisa no *corpus* *CETEMPúblico*. Assim, relativamente ao verbo *tornar* acompanhado de um complemento preposicionado (preposição *em*, contracção da preposição *em* com o artigo indefinido *um* e com o artigo indefinido *uma*), foram detectados 424 casos neste *corpus*. Efectuou-se, também, uma pesquisa no mesmo *corpus* em que o verbo em causa ocorria sem a referida preposição, seguido de uma expressão nominal introduzida por um artigo indefinido. Obtiveram-se 417 ocorrências com o masculino e com o artigo feminino contabilizaram-se 309 casos. Em resumo, em 1150 exemplos do referido *corpus*, a preposição *em* foi utilizada com o verbo *tornar* num total de 424 casos e sem a referida preposição num total de 726 exemplos. Assim, em 63% dos casos, o verbo *tornar* ocorreu sem preposição e a

¹⁸ Trata-se, neste caso, de um uso pronominal, ou seja, em que o verbo co-ocorre com o clítico reflexo, que desempenha a função de Objecto Directo.

ocorrência de preposição verificou-se em 37% dos casos, um número considerável, que ilustra a tendência dos falantes do Português Europeu.

Os restantes verbos que se encontram associados a inserções de preposição são *alcançar, usar, decidir, escolher, rezear, balançar, gozar, durar, testemunhar, contemplar, perscrutar, preservar e causar*, ocorrendo apenas uma vez cada, pelo que não se considera pertinente a sua análise.

No que diz respeito à omissão de preposição, encontram-se os verbos *aperceber-se* e *esquecer-se*, com 5 ocorrências cada. Em (66) e (67) encontram-se os exemplos referentes ao primeiro verbo; (68), (69) e (70) correspondem aos exemplos com o verbo *esquecer-se*:

- (66) a. ...seeing he wasn't going to stop saying over his "wise stub, wise stub",... - TP – MD
b. Apercebendo-me que ele não iria cessar aquela lengalenga.
- (67) a. ... he realized that those were the mines... - TNP - It can be done
b. ...aperceberam-se que eram as minhas...
- (68) a. He has his orders, mind ye that. – TP – MD
b. Não se esqueçam que ele tem as suas ordens.
- (69) a. ...seulement vous vou rappellerez que c'est aujourd'hui vendredi... - TP – 3M
b. ...mas não vos esqueçais que hoje é sexta-feira...
- (70) a. ... she forgot how in the middle of dressing she had sat down on the bed... - TNP - Her First Ball
b. Esqueceu-se que enquanto se vestia se sentou na cama...

Em Busse (1994) o uso do verbo *aperceber-se* é ilustrado como em (71) e *esquecer-se* como em (72):

- (71) O Governo apercebeu-se de que muita gente que nele votou começa a duvidar. (*op. cit.*: 50)
- (72) a. O João esqueceu-se da reunião.
b. Eu já me esquecera (de) que ele tinha sido campeão nacional. (*op. cit.*: 218)

Também este autor deixa em aberto a utilização da preposição ao inserir os parênteses, que representam a opcionalidade da ocorrência da preposição.

Já os verbos *lembrar(-se)* e *precisar* ocorrem em 3 casos desviantes. Seguem-se os exemplos correspondentes: (73) inclui o verbo *precisar* e (74), *lembrar(-se)*. Note-se que ocorrência de desvios com estes verbos dá-se apenas em traduções não publicadas.

- (73) a. But I think we need to confront this issue about how we integrate... - TNP - Blair backs suspension of class assistant in debate over veil
b. Na minha opinião, precisamos ponderar como integrar...
- (74) a. It is difficult to remember, they come from an entirely different hemisphere. - TNP – Notes on Exile
b. É difícil lembrarmo-nos que vêm de um hemisfério completamente diferente.

Ainda para Busse (1994), estes verbos ocorrem nas seguintes construções:

Precisar:

- (75) a. Preciso de dinheiro.
b. Preciso de fazer compras (*op. cit.*: 341).

Lembrar:

- (76) a. Lembra-a que ela tem que estar na modista às cinco horas.
b. Lembra-se do acidente?

c. Lembra-me da possibilidade de uma outra solução (*op. cit.*: 287).

Se o primeiro verbo não apresenta dúvidas, já que a preposição é considerada necessária, o mesmo não acontece com o verbo *lembrar(-se)*, com o qual, segundo o autor referido, a preposição é opcional.

Os verbos *convencer* e *prevenir*, por seu turno, ocorrem duas vezes cada sem a preposição a introduzir o complemento.

Considerem-se os exemplos (77) e (78) com o verbo *convencer*, ambos recolhidos de traduções publicadas.

(77) a. Me thinks that (...) we are too much like oysters observing the sun through the water, and thinking that thick water the thinnest of air. – TP – MD

b. Penso que (...) nos assemelhamos às conchas, que observam o sol através da água ...e se convencem que a atmosfera é mais desanuviada do que é na realidade.

(78) a. Ah! Porthos! S'écria un des assistants, n'essaye pas de nous faire croire que ce baudrier te vient de la générosité paternelle. – TP – 3M

b. Então, Porthos, não queiras convencer-nos que deves esse boldrié à generosidade paterna.

Quando Nogueira (1995) analisa a expressão “convencer-se de que” refere que “esta é a boa construção portuguesa. Não se diga “convencer-se que” (sem a preposição *de*). Diga-se: “convenço-me de que...”, “convenci-me de que...”” (*op. cit.*: 129).

Busse (1994) atribui, mais uma vez, à preposição um carácter opcional, apresentando os seguintes exemplos:

(79) a. Cheguei quase a convencer-me disso.

b. Ainda te convenceste que ele vinha (*op. cit.*: 131).

Com o verbo *prevenir* é registada a mesma opcionalidade:

- (80) Eu previno-te (de) que não vou aceitar qualquer crítica que seja (*op. cit.*: 34).

Em (81) e (82) apresentam-se os exemplos da base de dados com o verbo *prevenir*, os únicos encontrados na totalidade do *corpus*, sendo ambos da mesma fonte:

- (81) a. ...et nous aurons, je vous en préviens, à parler plus tard de cela. – TP – 3M
b. ... e desde já vos previno que teremos de falar a esse respeito mais tarde.
- (82) a. ...et fit prévenir lord de Winter et ses amis qu'ils eussent à se préparer pour l'expédition. – TP – 3M
b. ...e mandou prevenir Lorde de Winter e os seus amigos que deviam preparar-se para a expedição.

Ao observar os exemplos acima desta base de dados, pode-se concluir que a omissão da preposição é explicável da mesma forma em todos os casos, partindo das propriedades de subcategorização, ou selecção categorial, dos verbos envolvidos. Note-se que, em todos os exemplos ocorrem verbos com propriedades de selecção categorial dupla (Duarte, 2003:636). Assim, relativamente ao verbo *lembrar*, quando se constrói com um único complemento, este não é preposicionado (cf. (83)); quando se constrói com mais do que um complemento, um deles é obrigatoriamente preposicionado (cf. (84)):

- (83) a. O João lembrou que tínhamos de sair da sala rapidamente.
b. O João lembrou a saída intempestiva da Maria.
- (84) a. O João lembrou-se da Maria.
b. O João lembrou-nos de que tínhamos cometido um erro.

Defende-se, nesta dissertação, na linha de Duarte (2003), que esta especificidade do verbo *lembrar* relativamente ao seu quadro de subcategorização está na base dos

desvios que se verificam com esse verbo, nomeadamente no que diz respeito ao queísmo.

Num estudo que analisa as construções queístas no discurso dos meios de comunicação social portugueses, Arim (2008) afirma que “o principal argumento apontado para defender a presença da preposição antes da conjunção integrante *que* é a analogia com outras construções em que o verbo ocorre e a preposição é obrigatória, nomeadamente construções em que o verbo tem como complemento um sintagma nominal ou uma oração infinitiva” (Arim, 2008:47). Porém, neste artigo, a autora admite que esta explicação não é satisfatória em relação a todas as construções, apresentando os seguintes exemplos:

- (85) a. Gosto disso.
- b. *Gosto isso.

- (86) a. Gosto de ir à praia.
- b. *Gosto ir à praia.

Com estes exemplos a autora pretende salientar que “se de acordo com este argumento a construção correcta é “gosto de que me façam elogios”, pelo mesmo motivo deveria estar de acordo com a norma padrão do português uma construção como “aposto em que Portugal chega à final”, o que não corresponde à realidade.” (Arim, 2008:48). Contudo, não se pode deixar de ter em mente que Arim (2008) trata o queísmo como a omissão de preposições no geral, enquanto, neste trabalho, se considera que o queísmo é a não-realização apenas da preposição *de*; as omissões das outras preposições são consideradas simples omissões, como já referido anteriormente.

Alguns autores, como Arim (2008), admitem que a forma dequeísta, ou seja, a estrutura construída com a preposição, é a menos desviante e, por isso, é preferencial. Segundo ela, “Estas construções [queísmo], ainda que muito frequentes no discurso oral e escrito dos falantes, são consideradas desviantes por alguns puristas da língua (...), que apenas aceitam a estrutura preposicionada” (Arim, 2008:47). Os resultados de Arim revelam que, existe uma grande oscilação no que respeita à utilização da preposição *de*: de acordo com os seus dados, no total dos três dicionários analisados, em 28% a preposição está presente, 10% dos casos não registam a referida preposição, em 10% a

preposição é considerada opcional e, por fim, 52% casos não possuíam exemplos relacionados com esta preposição. O falante omite cada vez mais a preposição nestas construções, o que se reflecte também na tradução, como este trabalho tem vindo a demonstrar. Considera-se, assim, que estas estruturas denotam uma tendência de mudança entre os falantes, já admitida em alguns dicionários, como salientado anteriormente. Os dicionários consultados, como Bechara (2002) salientam, na generalidade, que o uso da preposição é opcional, incluindo Casteleiro (2007), que indica que, nestas situações, a preposição *de* deve ocorrer, mas faz uma nota onde explica que, em alguns casos do género, a preposição pode ser omitida, o que permite uma maior flexibilidade da construção com a preposição. Neste sentido, os autores apresentam os seguintes exemplos:

- (87) a. As comadres aperceberam-se de que era tarde. (...) Na construção [GN [suj.] V-se GP (de + Ffinita)[C.prep.]], a preposição pode ser omitida: O turista não se apercebera que fora roubado.¹⁹
- b. O candidato esqueceu-se de que falava com um jornalista. (...) Na construção [GN [suj.] V-se GP (de + Ffinita)[C.prep.]], a preposição pode ser omitida: O rapazito esquecer-se que havia jogo na televisão.²⁰
- c. Eu preciso de que alguém me ajude. (...) Na construção [GN [suj.] V GP (de + Ffinita)[C.prep.]], a preposição pode ser omitida: Preciso que me digas a verdade.²¹
- d. O patrão lembrou-se de que prometera uma promoção. (...) Na construção [GN [suj.] V-se GP (de + Ffinita)[C.prep.]], a preposição pode ser omitida: Lembra-te que tens uma reunião importante.²²

No caso dos verbos que surgem nos exemplos de (66) a (70), bem como (73), (74), (77), (78), (81) e (82) acima apresentados, o desvio ocorrido é idêntico, mas o tipo de verbo envolvido é diferente. Assim, os exemplos (66) e (67) incluem o verbo *aperceber-se*, um verbo que co-ocorre obrigatoriamente com o pronome (neste caso, um pronome inerente), tendo o seu complemento de ser preposicionado (seja frásico ou não). Por sua vez, em (68) – (70) e em (74), estão presentes os verbos *esquecer* e

¹⁹ Casteleiro, (2007:86)

²⁰ *op cit.*, 435

²¹ *op cit.*, p.617

²² Casteleiro, (2007:537)

lembrar. Estes dois verbos têm quadros de subcategorização idênticos, sendo ambos verbos de selecção categorial dupla: quando se constroem sem o pronome, o seu complemento não é preposicionado; quando se constroem com o pronome exigem um complemento preposicionado.

Finalmente, os verbos *convencer* e *prevenir* seleccionam obrigatoriamente dois complementos, sendo um deles necessariamente preposicionado, independentemente de ser frásico ou não.

A supressão de preposição, nestes casos, parece, assim, decorrer da tendência geral para o queísmo nos contextos em que, para além da completiva finita, ainda é realizado um pronome ou um Sintagma Nominal, já aceite pela maioria dos falantes mais jovens.

Note-se que também no estudo de Arim (2008), em construções com verbos como *aperceber-se* e *esquecer-se*, a preposição é preferencialmente realizada (30%), com verbos que seleccionam dois complementos (*informar*, por exemplo) também existe maior tendência para a realização da preposição, mas a oscilação é maior (27%). Já no que aos verbos transitivos indirectos diz respeito (como *desconfiar*), a preposição tende a não ser realizada (31%). Contudo, no presente trabalho este último tipo de construção não foi encontrado enquanto forma desviante e, por isso não está presente na base de dados. Tal facto não significa que os resultados sejam contrários aos dos outros estudos; a diferença encontra-se apenas nos dados analisados na presente dissertação. Relativamente aos outros verbos, o presente estudo confirma os resultados de Arim (2008), que concluiu que a preposição *de* regista um uso bastante irregular, sendo, no entanto, os casos queístas bastante mais frequentes do que os dequeístas, tal como se pode constatar também neste trabalho²³.

Todos os outros verbos envolvidos neste desvio, *sair*, *acreditar* e *desfrutar*, ocorrem apenas uma vez, mas acredita-se que, num *corpus* mais extenso, os dados poderiam ser diferentes, ou seja, poderia haver mais verbos merecedores de análise.

Em resumo, os dados apresentados confirmam a hipótese de que as propriedades de subcategorização do verbo envolvido são cruciais para dar conta dos desvios encontrados. Assim, os problemas de omissão de preposição ocorrem com verbos de subcategorização dupla. Neste contexto, como referido anteriormente, os complementos frásicos finitos não são preposicionados se forem o único complemento do verbo; se, no

²³ Relembre-se que não se encontraram casos de dequeísmo nos textos que foram utilizados como fonte para esta dissertação.

entanto, ocorrer um complemento directo nominal, a completiva finita é tipicamente preposicionada. Ora, esta diferença tende a ser esbatida nas produções dos falantes, com a omissão da preposição *de*. Esta complexidade sintáctica relativamente ao tipo de complementos subcategorizados encontra-se na base dos desvios que envolvem queísmo.

Assim, pode-se concluir que as propriedades dos verbos podem estar na base de alguns problemas relacionados com a regência verbal, porque os desvios ocorrem, na sua grande maioria, com verbos com propriedades de subcategorização dupla. Duarte (2003) defende que “estes verbos são casualmente defectivos, pelo que, quando seleccionam complementos que exijam Caso (como acontece com os pronomes, os sintagmas nominais e as completivas infinitivas), os mesmos precisam de ser legitimados através da preposição usada tipicamente como marcador casual em português, a preposição *de*” (Duarte 2003:637). Pelo contrário, as orações completivas finitas não exigem Caso, pelo que a preposição se torna dispensável.

Em Espanhol os casos de queísmo e dequeísmo também são frequentes, como se pode confirmar em Torrego (1999). Aqui, a autora explica este último fenómeno da seguinte forma: “La mayoría de los estudiosos del tema del dequeísmo coinciden en que una de las causas (para muchos, la principal) de este fenómeno es la analogía, es decir, los cruces entre diversas estructuras” (Torrego, 1999:2124), o que se coaduna com o referido anteriormente em relação ao Português Europeu. Contudo, esta obra também refere a hiper correcção para explicar este fenómeno, ou seja, refere-se que a preposição *de* é inserida por se julgar esta construção a mais correcta, devido, por certo, às influências de outras estruturas, mas também ao “carácter excesivamente polisémico de la preposición *de*, que acaba convirtiéndose en un nexo prácticamente vacío e y apto para aparecer como mero enlace subordinante, aunque no haya elemento alguno en la oración que la exija”²⁴ (Torrego, 1999:2128).

Por outro lado, no trabalho sobre o Espanhol, as causas apontadas para o queísmo são as seguintes: “Posiblemente, una de las causas del queísmo conjuntivo es la presencia de dos nexos subordinantes, la preposición y la conjunción (...) es muy probable que muchos queísmos, al menos los que aparecen en la lengua escrita, se deban a interferencias con lenguas que no presentan preposición delante de *que* (...) puede ser causa de queísmos la eliminación por relajación en el discurso del fonema /d/

²⁴ Também se defende esta posição no presente trabalho, tendo em conta os dados obtidos (cf. secção 3)

entre vocales, cuando la preposición eliminada es *de* (...) De la misma manera que los cruces analógicos constituyen una de las causas más sólidas del dequeísmo, también pueden ser la causa de muchos queísmos (...) Aunque menos probable, no conviene descuidar como causa del queísmo la ultracorrección. Algunos hablantes, conscientes de que la secuencia *de que* es dequeísta en muchos casos y, por tanto, un fenómeno estigmatizado normativamente, tratan de corregirla eliminando la preposición *de*, pero lo hacen allí donde esa preposición está forzada por razones sintácticas” (Torrego, 1999:2139-2141). Relembre-se que, na presente dissertação, se explica o queísmo com base em critérios exclusivamente sintácticos, seguindo Duarte (2003) e Arim (2008).

Já em Francês, o problema do queísmo e dequeísmo não se coloca pois a sequência *de que* não é usada como na língua portuguesa. Vejamos um exemplo de uma construção aceitável em Francês, em (88a), em que a preposição *de* introduz uma frase infinitiva, e uma construída de forma agramatical com *de que*, em (88b):

- (88) a. La possibilité de le dire de cette façon ne me semble pas acceptable.
b. *La possibilité de qu'on dise cela de cette façon ne me semble pas acceptable.

Como não existem casos nesta língua, não há literatura conhecida em Francês que aborde este tema, mas Torrego (1999:2140) afirma: “Piénsese que, salvo el portugués y el español, las demás lenguas de nuestro entorno (francés, italiano, inglés...) nunca agrupan el nexos preposicional con el conjuntivo.”

Apesar de não existirem casos de queísmo e dequeísmo em Francês, não se pode dizer que não existem problemas com o emprego de preposições nesta língua. Na Gramática de Grevisse (1989), na secção referente às preposições, existe uma alínea com observações diversas sobre aquelas. Aí o autor salienta, a título de exemplo:

- (89) a. “À travers se construit sans *de*; au travers veut toujours *de* (...)
b. On dit correctement : causer *avec* quelqu'un (...)
c. *Durant. Pendant.* L'usage ne fait guère de distinction entre ces deux prépositions ; on peut observer toutefois que *durant* concerne une période continue – et que *pendant* vise un moment, une portion limitée de la durée (...)

d. *Jusque* se construit avec une préposition: *à* (c'est le cas le plus fréquent), *vers*, *sur*, *chez*, etc. (...) Ne pas omettre *à* dans des expressions comme : jusqu'à Paris (...) On peut dire : jusqu'aujourd'hui ou jusqu'à aujourd'hui.

e. Dans l'usage ordinaire, près *de*, suivi d'un infinitif, signifie "sur le point *de*"; prêt *à* signifie "préparé *à*, disposé *à*" (...)

f. Ne dites pas: *sur* la rue, *dans* le train, *dans* le tram, *dans* le grenier (ou *au* grenier) (...) On dit: *sur* (ou *dans*) une avenue, *sur* un boulevard, *sur* un chemin, *sur* une route, *sur* une place.

On considère généralement *sur* le journal comme incorrect. Il est préférable de dire : Je l'ai lu *dans* le journal." (Grevisse, 1989: 321,322)

Por outro lado, quando refere como usar algumas preposições em outra das suas obras, Grevisse (1975) salienta várias vezes como evitar agramaticalidades. Por exemplo, na alínea em que descreve a utilização de *après*, refere que esta preposição pode ser usada com *crier*, *attendre*, *demander*, mas deve-se evitar usar com *chercher*, uma vez que esse uso é demasiado coloquial ou familiar (Grevisse, 1975:1019). Adicionalmente, no que diz respeito à preposição *pour*, o autor faz uma nota que merece ser aqui referida, já que o mesmo acontece em Português em relação a algumas formas de utilização de certas preposições:

"La plupart des lexicographes et des grammairiens s'élèvent contre *partir à*, *partir en*, *partir chez*, *partir sur*, *partir dans*. C'est en vain: ces tours pénètrent de plus en plus dans la langue littéraire et finiront par s'imposer tout à fait. Ils présentent un phénomène – très banal – d'analogie syntaxique contre lequel il est inutile de s'indigner : dans *partir pour* Rome, l'idée d'aller à Rome est sous-jacente ; dès lors, il est naturel que l'on en soit venu à construire *partir* comme *aller*" (Grevisse, 1975:1050).

Como se pode confirmar com esta citação, as escolhas do falante, bem como a interferência que existe entre diversas construções da língua, são factores que podem desencadear a mudança linguística, daí considerar-se este tema uma área crítica no Português Europeu.

Numa gramática mais recente de Francês (Poisson-Quintain, 2002), salienta-se o facto de esta problemática persistir em várias produções linguísticas e continua a existir lugar para esclarecimento de dúvidas que possam surgir ao falante desta língua, de que aqui se apresentam apenas alguns exemplos ilustrativos:

- (90) (i) “Rester à l’ombre/rester *au* soleil, mais: rester *dans* l’ombre/être *en* public” (Poisson-Quintain, 2002: 176).
(ii) “Il est *en* paix, il est *en* colère, *en* larmes... mais: Il est *de* bonne humeur, *de* mauvaise humeur” (Poisson-Quintain, 2002: 176).
(iii) “Avec derrière et devant, on n’utilise pas *de*” (Poisson-Quintain, 2002: 181).

Em relação ao Inglês, apesar de não se colocar o problema do queísmo, também existe espaço em gramáticas para clarificar algumas questões em relação ao uso de preposições.

Por último, resta ainda abordar os verbos que ocorreram com o terceiro desvio em análise, ou seja, a substituição. Este desvio ocorre 23 vezes na base de dados, sempre com um verbo diferente. Em alguns casos, como o apresentado em (91), o facto de este desvio ocorrer com determinado verbo pode ser influenciado pelas propriedades de um verbo sinónimo:

- (91) a. The sun burst through the surface, flooding the land... - TNP - The Songlines
b. O Sol surgiu **pela** superfície, inundando a terra...

No caso de (91), o tradutor pode ter sido influenciado pelas propriedades do verbo *irromper*, que exige a preposição *por*. Contudo, o complemento do verbo *surgir* deve ser introduzido pela preposição *a*.

Além deste factor, também se pode considerar a influência da língua original e das suas propriedades, como se verifica em (92):

- (92) a. ... the battlemode she had recently adopted for the Falklands conflict was directed towards a new combatant. – TNP - Enemies within: Thatcher and the Unions
- b. ... a estratégia militar que tinha recentemente adoptado no conflito nas ilhas Falklands foi redireccionada **contra** outro opositor

Em (92), o tradutor pode ter sido influenciado pelo verbo *direct* que selecciona a preposição *towards*. Ora, o verbo *dirigir* pode seleccionar, efectivamente, a preposição *contra*, mas tendo o tradutor seleccionado o verbo *redireccionar*, a preposição adequada seria *para*.

Em síntese, os verbos que aparecem em maior número de ocorrências desviantes são tipicamente verbos que estão envolvidos em tendências de mudança no Português Europeu, a saber, o verbo transitivo-predicativo *tornar*, cujo predicativo do sujeito, tende a ser preposicionado, quando inclui um Sintagma Nominal, e os verbos de selecção categorial dupla envolvidos na construção de queísmo.

5 - Casos de decalque do original

Neste capítulo, analisar-se-á com mais pormenor se a língua do texto de partida influencia ou não o texto de chegada e será analisada a forma como o tradutor lida com ambas as línguas.

O gráfico 5 ilustra os casos desviantes resultantes de decalque do original quer em Inglês, quer em Francês:

Gráfico 5

Da análise deste gráfico, pode concluir-se que os casos em que ocorreram decalques são inferiores àqueles em que os mesmos não se registaram. Assim, dos 69 exemplos incluídos na base de dados, em 31 (45%), o desvio pode ter na base a estrutura da língua de partida, diferente da estrutura da língua de chegada; nos outros 38 casos (55%), o tradutor, apesar de ter cometido um dos três desvios analisados neste trabalho, não o fez com base na língua do texto original, ou seja, não deixou que a língua de partida interferisse no seu trabalho de forma notória, como nos outros casos.

Considerem-se, de seguida, os gráficos 6 e 7, relativamente a casos de decalque em cada uma das línguas de partida em análise.

Gráfico 6

Gráfico 7

Como se pode observar no gráfico 6, em Inglês, num total de 44 produções desviantes, 17 podem ser atribuídas a decalque do original, e 27 são decorrentes de outros factores. Assim, a ausência de decalque ocorreu em 61% dos exemplos de Inglês, contra 39% de casos de decalque. Vejam-se alguns exemplos de casos em que ocorreu um decalque:

- (93) a. ...and yet so mystical and well night ineffable was it, that I almost despair of putting it in a comprehensible form. – TP – MD
b. ...e era algo de tão místico e inefável que eu por vezes desesperava **de** o racionalizar.
- (94) a. ... the battlemode she had recently adopted for the Falklands conflict was directed towards a new combatant. - TNP - Enemies within: Thatcher and the Unions
b. ... a estratégia militar que tinha recentemente adoptado no conflito nas ilhas Falklands foi redireccionada **contra** outro opositor

No caso do exemplo (93), de uma tradução publicada, o tradutor usou a preposição *de* a introduzir o complemento do verbo *desesperar* quando este não o exige. Tal facto pode dever-se à interferência das propriedades do verbo da língua original, *despair*, que rege a preposição *of*, causando a agramaticalidade em Português. No exemplo (94), a preposição inglesa *towards* foi traduzida por *contra*, mas o tradutor não teve em conta se o verbo usado para traduzir *directed*, neste caso *redireccionar*, necessitava de um complemento regido pela referida preposição, provocando assim uma interferência que deu origem a uma substituição, já que este verbo exige a preposição

para. Assim, analisando estes exemplos constata-se que existem verbos que em Inglês regem uma preposição diferente da que é usada com os verbos equivalentes do Português Europeu, acabando, muitas vezes, por se traduzir literalmente a preposição constante no original.

Relativamente ao Francês, gráfico 7, os casos em que existe uma interferência provável da língua original são 14, enquanto os exemplos encontrados em que a língua original não está na base do desvio são 11. Num total de 25 ocorrência, pode-se afirmar que a língua do texto de partida influencia a tradução, já que 56% dos exemplos encontrados em Francês sofrem um decalque da referida língua em relação às preposições, mas, como acontece com o Inglês, não existe uma discrepância significativa em relação aos casos em que não existiu interferência do original, já que estes foram 11 (44%). Segue-se um exemplo, sendo de salientar, mais uma vez, que só foram encontrados casos desviantes em Francês na tradução publicada analisada:

- (95) a. L'instant qui allait suivre devait, selon toute probabilité, décider du reste de sa vie. - TP - 3M
b. O instante que se ia seguir devia, segundo todas as probabilidades, decidir **ao** resto da sua vida.

No caso do exemplo (95), a questão desviante é a inserção da preposição *a* no contexto do verbo *decidir*. Este verbo, sendo transitivo directo, não rege qualquer preposição, como podemos ver nos exemplos abaixo retirados de Casteleiro (2007:225):

- (96) a. A assembleia de trabalhadores decidira dois dias de greve.
b. As amigas decidiram que ainda era cedo para irem para casa.

Note-se que, no exemplo (95) apresentado, não só a inserção da preposição origina a agramaticalidade da sequência do Português, como também não foi mantida a preposição *de* do Francês, recaindo a opção do tradutor na preposição *a*.

Em relação ao Francês, nos casos em que se considerou que houve decalque do original, o desvio mais comum foi a substituição, com 7 ocorrências, seguido da omissão, com 5 ocorrências, 4 das quais queísmo, e existe apenas um caso de inserção. Em todos estes desvios, a preposição mais usada foi *em*, que apareceu em 5 exemplos;

de ocorreu em 2 e *a* em 1. Já quanto às preposições que não provocariam casos desviantes, registam-se *a* e *de*, ambas com 4 ocorrências. *Para* seria correcta em 2 casos e *em* e *por* em 1 exemplo cada. Já o verbo mais problemático nesta língua foi *esquecer-se*, com duas ocorrências. Todos os outros só surgiram uma vez em casos de decalque que tinham como língua original o Francês.

No que se refere ao Inglês, os casos desviantes mais recorrentes devido a decalque do original foram a substituição e a omissão, com 7 ocorrências. No que diz respeito à omissão, são todos casos de queísmo. Por último, surge a inserção, desvio que ocorre 3 vezes. Nesta língua, a preposição mais envolvida em todos os desvios foi *para*, que surgiu em 3 exemplos; a preposição *em* aparece em seguida, com 2 ocorrências. *Por*, *contra*, *a* e *de* ocorreram uma vez cada em fenómenos desviantes. Já as preposições que deveriam ter sido utilizadas são *de*, com 7 ocorrências, *para* e *a* com 2 ocorrências cada e *sobre* com 1. Por fim, os verbos mais problemáticos nesta língua foram *aperceber-se*, com 3 ocorrências, e *lembrar-se*, com 2. Todos os outros ocorreram apenas uma vez cada.

Como se pode constatar, em relação aos casos de decalque, a preposição *em* foi a que esteve na origem de mais desvios nas duas línguas. Por outro lado, a preposição *de* era a preposição correcta em mais casos desviantes, tanto para o Inglês como para o Francês. Além de as preposições problemáticas serem as mesmas para as duas línguas em análise, também se confirma que os verbos que ocorrem nos desvios estudados neste trabalho pertencem ao conjunto dos verbos com propriedades de subcategorização dupla.

No início deste estudo pensou-se que as traduções da língua francesa seriam as mais influenciadas por decalque do original, em oposição às traduções efectuadas a partir do original em Inglês, já que se pode afirmar que existem algumas semelhanças entre o Francês e o Português, no que diz respeito a propriedades de subcategorização de verbos das duas línguas. Saint-Moulin (2005) salienta “qu’il existait des verbes qui présentent des propriétés parallèles dans les deux langues” (Saint-Moulin, 2005:128), o que pode facilitar a ocorrência de agramaticalidades em casos onde as propriedades não são as mesmas. Algumas construções podem induzir o tradutor em erro quando essas semelhanças não se registam, ou seja, quando os verbos não têm as mesmas características nas duas línguas, o que se confirma a partir dos dados recolhidos no *corpus* deste trabalho.

Na língua inglesa, como se pode verificar, os casos em que ocorreram produções linguísticas desviantes por decalque relacionadas com o uso de preposições foram inferiores aos casos em que o decalque não teve influência (menos 10 casos); em Francês a diferença é de 3 casos. Como se pôde observar através dos dados analisados, é notória uma maior tendência para o decalque quando a língua do original é o Francês, devido, provavelmente, à tendência generalizada por se considerar que esta língua e o Português são muito semelhantes, consideração que decorre do facto de ambos os sistemas linguísticos pertencerem à família das línguas românicas. No entanto, uma análise minuciosa das duas línguas referidas mostrará que existem diferenças significativas entre elas, facto que deve ser tido em conta na construção de uma tipologia linguística mais adequada aos dados e menos assente na génese da língua. O tradutor deve afastar-se dessa tendência generalizada para aproximar as duas línguas, porque pode cair no erro de se ligar demasiado ao original e alterar as propriedades sintácticas e semânticas dos itens lexicais da língua-alvo.

Tendo em conta a hipótese enunciada relativamente ao decalque do original, segundo a qual grande parte dos problemas encontrados e que compõem a base de dados se deve a uma interferência por parte da língua original, é uma hipótese que carece de confirmação com mais dados, ainda que se possa concluir que a influência da língua francesa é maior do que a do Inglês.

6 - Traduções publicadas *versus* traduções não publicadas

O objectivo central desta secção é o de verificar se a publicação e, conseqüentemente, a revisão do texto determinam uma maior ou menor ocorrência de desvios em complementos de verbo preposicionados. Para tal, nesta secção far-se-á uma análise dos desvios ocorridos nos dois tipos de tradução considerados, traduções publicadas e traduções não publicadas.

O gráfico 8 apresenta o número de produções desviantes encontradas em cada tipo de tradução:

Gráfico 8

Como se pode verificar neste gráfico, o número de ocorrências desviantes encontradas em traduções publicadas foi de 49 (25 de *Os Três Mosqueteiros* e 24 de *Moby Dick*) e em traduções não publicadas foi de 20, o que corresponde a 71% em traduções publicadas e 29% em traduções não publicadas. Contudo, tendo em conta a proporção de páginas analisadas em cada um dos tipos de tradução (cf. capítulo II, “Metodologia”), pode-se inferir que o número de desvios ocorridos nas traduções não publicadas é mais frequente, já que o número de páginas de traduções publicadas analisadas para a construção da base de dados foi mais elevado no que diz respeito às traduções publicadas. Desta forma, o número de desvios em traduções não publicadas é mais significativo. Com efeito, para as traduções publicadas, em que se analisaram cerca de 1200 páginas e se encontraram 49 produções desviantes, a percentagem destas produções é de 4%, ou seja, foi encontrado um exemplo a cada 24 páginas e meia. Já no caso das traduções não publicadas, tendo sido analisadas cerca de 150 páginas e encontrados 20 casos desviantes, a percentagem destes casos é de 13%, isto é, um exemplo a cada 7 páginas e meia.

Veja-se de seguida, no quadro 9, todos os casos desviantes nos dois tipos de tradução:

Tr Tr
ad ad
uçõuçõ
es es
Pu Nã
bli o
cad Pu
as bli
cad
as

Omissão	3	3M – 3	3
		MD – 0	
Queísmo	12	3M – 6	6
		MD – 6	
Inserção	16	3M – 5	6
		MD – 11	
Substituição	18	3M – 11	5
		MD – 7	

Quadro 9

Como se pode confirmar no quadro acima, em relação ao fenómeno de omissão, foram encontrados 3 casos em traduções publicadas, mais concretamente na obra *Os Três Mosqueteiros* (cf. (97)), e outros 3 casos em traduções não publicadas (cf. (98)).

- (97) a. Vous accepterez son jugement? – TP – 3M
b. Acreditareis a sua sentença?
- (98) a. England need to play keep-ball to check the Romanian counter-attack.
- TNP - Working with texts
b. Inglaterra precisa jogar à defesa para lidar com o contra-ataque romeno.

No conjunto total de omissões, há que referir em particular os casos de queísmo que, no que às traduções publicadas diz respeito, se verifica em 12 exemplos, 6 dos quais da obra *Os Três Mosqueteiros* e 6 de *Moby Dick*. No caso das traduções não publicadas, os casos de queísmo também são 6. O exemplo (99) é retirado de uma tradução publicada e (100) de uma tradução não publicada:

- (99) a. ...excepté d'Artagnan qui n'oubliait point qu'il avait audience et qui, avec sa ténacité de Gascon, était demeuré à la même place. - TP – 3M
b. ...excepto d'Artagnan, que se não esquecera que tinha audiência e que, com a sua tenacidade de gascão, permanecera no mesmo sítio.

- (100) a. She recognised that ordinary people, among them many trade unionists, were fed up with incessant strikes. - TNP - Enemies within: Thatcher and the Unions
- b. Thatcher apercebeu-se que a população em geral, entre ela muitos sindicalistas, estavam fartos das inúmeras greves.

Em relação aos casos de inserção nas traduções publicadas, verificaram-se 16 ocorrências no total, 5 delas em *Os Três Mosqueteiros*. Em dois casos, inseriu-se a preposição *de*, noutros dois a preposição *em* e num caso a preposição *a* co-ocorreu de forma desviante com um verbo que não a seleccionava. Em (101) e (102) encontram-se exemplos desta tradução:

- (101) a. L'instant qui allait suivre devait, selon toute probabilité, décider du reste de sa vie. – TP – 3M
- b. O instante que se ia seguir devia, segundo todas as probabilidades, decidir **ao** resto da sua vida.
- (102) a. Je ne tiens pas assez à la vie pour craindre la mort. – TP – 3M
- b. Não tenho grande apego à vida para recear **da** morte.

Já em *Moby Dick* registaram-se 11 inserções de preposição: 4 ocorrências com a preposição *em*; *de* e *para* foram inseridas duas vezes cada e *durante*, *com* e *por/sobre* apenas uma. Em (103) e (104) apresentam-se dois exemplos:

- (103) a. But when a man's religion becomes really frantic... - TP - MD
- b. Mas quando a religião de um homem se torna **num** fanatismo...
- (104) a. ...saw a swinging sign over the door... - TP – MD
- b. ...vi uma tabuleta que balançava **por sobre** a porta...

Voltar-se-á a reflectir sobre alguns casos de inserção na secção 7 deste capítulo. Nas traduções não publicadas, foram encontradas 6 produções com inserção (5 em que se inseriu a preposição *em* e 1 em que *a* foi inserida). O maior número de inserções da

preposição *em* deve-se aos casos ocorridos com o verbo *tornar*, como observado na secção 4 deste capítulo (“Subclasses de verbos envolvidos no desvio”).

Por último, em relação às traduções publicadas, importa ainda referir os casos de substituição: 18 no total. A leitura de *Os Três Mosqueteiros* revelou 11 substituições, 5 em que foi usada a preposição *em* de forma desviante e 4 em que o desvio se deve à preposição *de*. *Para* e *de* originaram este desvio uma vez cada. Nestes casos, a preposição *a* seria a escolha adequada em 6 dos 11 casos; *para* e *por*, em 2. Apresenta-se em (105) um exemplo ilustrativo de substituição na tradução de *Os Três Mosqueteiros*:

- (105) a. Sa bravoure insolente, son bonheur... l'avaient hissé au sommet de cette échelle difficile. – TP – 3M
b. A sua bravura insolente e a sua sorte... tinham-no alçado **ao** cimo dessa escada difícil.

Os exemplos de substituições retirados do livro *Moby Dick* são 7. Em 3 desses 7 casos foi usada a preposição *em* de forma agramatical. Os outros 4 casos dividem-se pelas preposições *para*, *com*, *de* e *a*. Nestes casos de substituição, a preposição que se devia ter utilizado de modo a não formar um caso desviante seria *a* em dois casos; *para*, *por*, *de*, *em* e *sobre* em um caso cada uma. Segue-se um exemplo retirado da tradução de *Moby Dick*:

- (106) a. ...Jonah sees the rearing bowsprit pointing high upward... - TP – MD
b. ...Jonas vê a ponta do gurupés a perpassar **nas** alturas...

No conjunto das traduções não publicadas, os casos de substituição foram 5. A preposição *de* encontra-se de forma desviante a substituir duas preposições e *por*, *para* e *contra* foram usadas uma vez cada quando seria outra a preposição exigida pelo verbo. Assim, as preposições *a* e *por* foram substituídas duas vezes cada e a preposição *para* não foi usada pelo tradutor quando era seleccionada pelo verbo em um exemplo. Em (107) encontra-se um exemplo de substituição:

(107) a. The sun burst through the surface, flooding the land... - TNP - The Songlines

b. O Sol surgiu **pela** superfície, inundando a terra...

Em seguida analisar-se-ão os casos de decalque do original e de interferência da língua do texto de partida, tendo em conta o contraste entre traduções publicadas e traduções não publicadas. Abaixo figuram dois gráficos relativos às produções em que houve decalque (gráfico 9) e as em que não ocorreu decalque (gráfico 10), em cada tipo de texto:

Gráfico 9

Gráfico 10

Como se pode verificar a partir do gráfico 9, existem 22 casos de decalque em traduções publicadas, o que equivale a 71% (14 na obra *Os Três Mosqueteiros* e 8 em *Moby Dick*). As traduções não publicadas incluem 9 casos de decalque (29%). Por sua vez, não existiu decalque em 27 casos desviantes de traduções publicadas (71%) e em 11 casos retirados de traduções não publicadas (29%). Contudo, é necessário ter sempre presente que o número de páginas analisadas para a construção do *corpus* relativamente às traduções publicadas foi de cerca de 1200, enquanto os textos não publicados analisados eram pequenos textos trabalhados nas aulas de Licenciatura em Tradução, em número muito inferior, pelo que não se podem tirar ilações muito rigorosas nas comparações entre um tipo de tradução e o outro. Mesmo assim, pode afirmar-se que a publicação influencia, realmente, a quantidade de desvios ocorridos, se tivermos em conta a proporção de páginas analisadas para cada tipo de tradução, como já anteriormente referido, na secção 5. Presume-se que as traduções para futura publicação passem por um revisor, e até mesmo por um controlo de qualidade, que detecta e resolve possíveis problemas, incluindo os analisados neste trabalho. Pelo contrário, como as traduções não publicadas não passaram por outra pessoa que não o tradutor, é de prever que surjam mais problemas do que em traduções publicadas.

7 – Alguns casos específicos

Os casos que se descrevem nesta secção remetem para uma outra situação de desvio em que a preposição se vê envolvida. Nestes exemplos, a preposição sofreu um fenómeno desviante, mas o problema principal encontra-se no verbo e nas suas características, devido a semelhanças entre verbos ou entre o seu significado, ou seja, nestes casos é usado um verbo com características de outro. Este fenómeno pode dar-se, é certo, devido ao processo de tradução, durante o qual o tradutor se vê, muitas vezes, demasiado envolvido no seu trabalho e traduz, volta atrás, apaga, altera e não verifica se o resultado é gramatical. Este pode ter sido o caso dos exemplos que a seguir se apresentam e discutem brevemente:

- (108) a. ... ban on a staff member wearing a cross. - TNP - Blair backs suspension of class assistant in debate over veil
b. ... por banir um empregado **de** usar um crucifixo.

Este é um caso de substituição em que a preposição *de* é usada de forma desviante com o verbo *banir*, isto é, usou-se um verbo com características diferentes das que possui devido a uma ligação com outro verbo, *proibir*, por exemplo. No exemplo (109) que em seguida se apresenta o verbo *banir* é usado com o significado que tem em (108) e com a mesma preposição (*de*), mas, neste caso, o complemento não é frásico:

- (109) O SEF baniu os imigrantes ilegais de Portugal

Assim sendo, a contrapartida gramatical de (108b) seria (110):

- (110) ...por banir um empregado **por** usar crucifixo.²⁵

Pode considerar-se que, nesta opção tomada pelo tradutor, não existe influência da língua de partida, mas sim uma influência da própria língua.

Em (111) ocorreu um caso de inserção da preposição, ou seja, *em* no complemento do verbo *preservar*, o que constitui uma má escolha lexical, pois esta construção, com o referido verbo, não ocorre:

²⁵ Neste caso, o constituinte preposicionado não seria um complemento, mas um modificador (uma frase adverbial causal).

- (111) a. Il préservera dans cette opinion jusqu'après le festin... - TP - 3M
b. Preservou **nesta** opinião até depois do festim.

Neste caso, existe uma amálgama entre a forma escolhida e as propriedades do verbo *insistir* que possui esta estrutura de subcategorização. Assim, este verbo seria uma das hipóteses de tradução, como (112) mostra:

- (112) Insistiu **nesta** opinião até depois do festim.

Os exemplos seguintes, (113) e (114), colocam problemas semelhantes, mas, neste caso, apesar de o principal problema se prender com o verbo e com a preposição por ele regida, o facto é que não se poderia simplesmente trocar de preposição ou de verbo como acontece com os exemplos acima transcritos para que a sequência deixasse de ser agramatical ou fosse alvo de dúvidas por parte de um falante da língua.

- (113) a. L'officier prit sur la table les papiers désignés... - TP - 3M
b. O oficial pegou **da** mesa papéis designados...

- (114) a. ...as that sometimes he is loathed by his own kith and kin! - TP – MD
b. ...que às vezes causa **com** que seja repellido pela sua própria família e amigos?

Como os verbos escolhidos nos exemplos acima têm como sinónimos verbos que possuem características diferentes, surgem problemas com as preposições a utilizar na tradução. É frequente ocorrerem situações deste género em traduções devido a influências do original, mas também às constantes reformulações que uma tradução implica. Assim sendo, a opção escolhida em termos de verbo não pode ser mantida, daí não se ter colocado a opção gramatical para a preposição na base de dados, já que, neste caso, deveria trocar-se o verbo e não a preposição e até, talvez, efectuar algumas alterações na construção.

Em (113) verifica-se uma má escolha lexical em relação ao verbo que prejudica toda a construção frásica. Se o tradutor tivesse optado por outro verbo, como por

exemplo *tirar*, *levantar* ou *retirar*, a tradução resultante seria gramatical. Possivelmente foi essa a sua primeira opção, tendo posteriormente optado por outro verbo, acabando por manter as propriedades do primeiro verbo sem se aperceber de que a estrutura argumental do verbo que acabou por escolher era diferente da do primeiro. No exemplo apresentado em (113) não se poderia manter o verbo *pegar*, mesmo que se colocasse outra preposição, porque nem assim a frase seria gramatical. Se *pegar de* não é uma boa escolha, pelo menos para o Português Europeu²⁶, tem de se equacionar outra opção. Desta forma, teria de se escolher um verbo adequado ao contexto do original, como um dos verbos já referidos acima, para a frase ser gramatical. Assim sendo, uma das hipóteses possíveis seria (115), porém com algumas reticências em relação à sua construção, pois, assim, o sentido da tradução fica apenas parecido com o do original:

(115) O oficial tirou da mesa papéis designados...

Finalmente, atente-se no exemplo (114). Nesse caso, o verbo *causar* co-ocorre com a preposição *com*, daí decorrendo uma sequência agramatical. Apesar de não se considerar que tenha havido decalque do original, já que não se fez uma tradução literal, a tradução não foi bem conseguida devido ao verbo utilizado, que não selecciona um complemento frásico. Neste caso existe uma proximidade com outro verbo, *fazer*. Se o tradutor tivesse optado por este, o complemento de verbo preposicionado já não seria desviante. Assim, uma das possibilidades de tradução seria:

(116) ...que às vezes faz **com** que seja repellido pela sua própria família e amigos?²⁷

Convém lembrar que o que está em análise aqui não são as opções tradutórias efectuadas. Apenas se dão exemplos de como evitar desvios em complementos de verbo preposicionados e, neste caso, com os verbos que fazem parte dos complementos preposicionados por se considerar que, nestes exemplos específicos, não são apenas as preposições que surgem de forma desviante. Contudo, não se pretende avaliar a

²⁶ Trata-se de uma construção gramatical no Português Brasileiro.

²⁷ Autores como Casteleiro (2007:463) consideram gramatical esta sequência em que a preposição *com* introduz o complemento do verbo *fazer*:

(1) Esta vitória faz com que a equipa passe para o primeiro lugar.

qualidade da tradução, apesar de se colocarem hipóteses de tradução. Durante todo este estudo não se teve em conta o trabalho de tradução no geral, mas apenas se deu atenção às escolhas dos complementos de verbo preposicionados. Seja pelos apertados prazos que se tem de cumprir, o que dificulta bastante uma investigação mais aprofundada dos problemas e questões linguísticas que surjam, seja pelos lapsos que se cometem tão facilmente num trabalho que implica constantes alterações, muitas vezes estes desvios não se devem, necessariamente, a falhas no conhecimento linguístico do tradutor; podem ser meras falhas que, com mais tempo, podiam ser ultrapassadas.

8 - Síntese

Apresenta-se, em seguida, a síntese das observações feitas em cada secção:

(i) a ocorrência de fenómenos desviantes em relação à tradução deve-se a três factores principais: ao facto de se tratar de uma área crítica do Português Europeu que se reflecte na tradução; a factores estritamente relacionados com o processo tradutório, ou seja, a interferência das propriedades de subcategorização do verbo da língua-fonte e ao cruzamento de propriedades de subcategorização de verbos sinónimos na língua-alvo;

(ii) as preposições mais afectadas são as que possuem menos conteúdo semântico, em ambas as línguas em estudo neste trabalho;

(iii) o queísmo é um fenómeno frequente nas produções de falantes do Português Europeu, o que se reflecte nas traduções analisadas;

(iv) as propriedades de subcategorização do verbo envolvido no desvio influenciam a ocorrência deste; assim, a maioria dos desvios ocorre com verbos com propriedades de subcategorização dupla;

(v) existe uma maior tendência para o decalque quando a língua do original é o Francês, apesar de a interferência por parte da língua original não ter sido conclusiva;

(vi) a publicação influencia, em grande parte, a quantidade de desvios ocorridos, ou seja, numa tradução publicada, sujeita a revisão, surgem menos fenómenos desviantes do que em traduções não publicadas, que não foram alvo de uma revisão.

IV – Conclusões

Conclusões

Como referido no início do presente trabalho, o objectivo principal desta dissertação era analisar os complementos de verbo preposicionados no contexto da tradução, tendo em conta os três desvios mais frequentes (omissão, substituição e inserção de preposição).

Para tal, este estudo teve como base cinco hipóteses que neste capítulo se discutirão de acordo com os dados obtidos.

A primeira hipótese, de acordo com a qual as preposições mais afectadas eram as que possuíam menos conteúdo semântico, foi confirmada, o que demonstra que, as preposições cujo significado é menos variável (ou seja, que veiculam sempre a(s) mesma(s) informação(ções) independentemente do verbo que as selecciona), são as menos envolvidas nos desvios analisados. Por outro lado, foi notório que o queísmo tem uma grande influência nas produções de falantes do Português Europeu, facto esse que se está a generalizar, como se pôde constatar nos dicionários consultados.

Por outro lado, com este estudo também se concluiu que as propriedades de subcategorização dos verbos podem estar na base de alguns problemas relacionados com a regência verbal, o que confirma a segunda hipótese enunciada de que a subclasse a que pertence o verbo que subcategoriza o complemento preposicionado é determinante para dar conta dos desvios em análise. De facto, os desvios ocorrem, na sua grande maioria, com verbos com propriedades de subcategorização dupla, ou seja, verbos que, quando se constroem com um único complemento, este não é preposicionado, e quando se constroem com mais do que um complemento, um deles é obrigatoriamente preposicionado. Além destes tipos de verbos, também o verbo *tornar* ocorreu com alguma frequência no *corpus*, o que mostra uma tendência de mudança no Português Europeu, como também se constatou com a pesquisa em dados do *corpus CETEMPúblico*.

Relativamente à terceira hipótese, de que alguns desvios se devem ao decalque do original, ou seja, a uma transferência das propriedades dos verbos da língua de partida para a tradução, é notória uma maior frequência de desvios quando a língua do original é o Francês. Contudo, a hipótese enunciada relativamente ao decalque do original, é uma hipótese que carece de confirmação com mais dados, ainda que se possa afirmar que, nestes dados, a influência da língua francesa sobre a língua de chegada é maior do que a do Inglês.

Os dados recolhidos e analisados demonstram, ainda, que os desvios na utilização de preposições que se verificam nas produções dos falantes do Português Europeu se mantêm na tradução, confirmando-se a hipótese quatro, de acordo com a qual a frequência de ocorrência dos desvios é determinada pela língua-alvo. Conclui-se assim que, apesar de outros factores que também se reflectem na tradução, esta é uma área crítica do Português Europeu que precisa de ser considerada com mais atenção por parte dos tradutores, com o intuito de evitar este tipo de fenómenos desviantes. Assim sendo, pode afirmar-se que os desvios analisados revelam, em alguns casos, uma tendência de mudança na língua portuguesa e, por isso, mais frequentemente se mantêm nas traduções. Os outros factores que podem interferir no processo tradutório e que explicam alguns dos exemplos desta dissertação prendem-se com a interferência das propriedades de subcategorização do verbo da língua-fonte, tanto num decalque parcial, como num decalque total, bem como com o cruzamento de propriedades de subcategorização de verbos sinónimos na língua-alvo.

Por último, constatou-se que a publicação influencia o número de ocorrências dos desvios, confirmando-se a quinta hipótese apresentada no capítulo I. Como se presume que as traduções para publicação passem por um revisor, que pode não ser o tradutor, assume-se que a leitura de um texto efectuada por outra pessoa distanciada do texto de partida e que conhece as propriedades gramaticais da língua de chegada consiga revelar as sequências agramaticais desviantes para, conseqüentemente, serem eliminadas. Desta forma, é mais natural que os textos não publicados, e sem qualquer intenção de o serem, tenham sido realizados sem tanto rigor e, como, na maioria, não são revistos, mais facilmente estão sujeitos a exhibir sequências agramaticais.

Para finalizar, os dados obtidos não revelaram grande discrepância entre o número de ocorrências dos fenómenos, mas mostram que existem casos indesejáveis em que o uso das preposições origina sequências agramaticais. Não se pode afirmar com certeza qual o fenómeno mais problemático devido à grande proximidade do número de ocorrências dos mesmos neste trabalho, mas pode-se constatar que há, efectivamente, muitas questões sobre o uso de preposições e que, sem dúvida, esta é uma área crítica na língua portuguesa. Considera-se, portanto, que será importante efectuar mais estudos acerca desta problemática, que envolvam necessariamente mais dados e outras línguas de partida, de forma a reflectir sobre esta questão.

Desta forma, trabalhos nesta área poderão contribuir decisivamente para desenvolver a competência do tradutor, como definido no capítulo I.

Referências Bibliográficas

1 – Obras para os exemplos da base de dados:

1.1 – Traduções publicadas e respectivos originais:

DUMAS, Alexandre (2004). *Les Trois Mousquetaires*. Paris: Pocket Classiques

DUMAS, Alexandre (s.d.). *Os Três Mosqueteiros*, Vol. I, II e III. Coleção “Livros de Bolso Europa-América”. Mem Martins: Publicações Europa-América

MELVILLE, Herman (2004). *Moby Dick*. Porto: Coleção Geração Público

MELVILLE, Herman (2007). *Moby Dick*. London: Vintage Books

1.2 – Originais usados para as traduções não publicadas:

CARTER, Ronald, Maggie Bowring, Angela Goddard, Danuta Reah, Keith Sanger e Nikki Swift (2002). *Working With Texts: A Core Introduction to Language Analysis*. Adrian Beard (ed.). London: Routledge

- CHATWIN, Bruce (1986). *The Songlines*. Franklin (North Carolina): Franklin Press
- ENDREZZE, Anita (2004). *The Medicine Bundle*, In *The Raven's Chronicles*, Vol. 11, No 1. Wealth, Economy and Madness (www.ravenchronicles.org)
- FORT, Matthew (2005). *Help...I've been Throttled By My Old School Tie*. The Observer (www.guardian.co.uk)
- LANGAN, Steve (2005). *Notes on Exile & Other Poems*. Nebraska: The Backwaters Press
- MANSFIELD, Katherine (1922). *Her First Ball*, In *The Garden Party and Other Stories*. New York: Barnes & Noble
- MUELLER, Cookie (1996). "Fleeting Happiness", In *Ask Dr. Mueller: The Writings of Cookie Mueller*. London: Serpent's Tail Publishing Ltd
- POLIER, Alexandra (2004). *It can be done*. Newsweek Web Exclusive. (www.newsweek.com)
- WILENIUS, Paul (2006). *Enemies Within: Thatcher and the Unions*. BBC News (<http://news.bbc.co.uk/>)
- WILSON JR., Robley (1986). *Thief*, In *Sudden Fiction: American Short-Short Stories*. R. Shapard e J. Thomas (eds.), Peregrine Smith, Salt Lake City
- WOODWARD, Will (2006). *Blair Backs Suspension of Class Assistant in Debate over Veil*. Guardian (www.guardian.co.uk)

2 – Obras específicas do tema:

- AA.VV. (2005). *Dicionário de Inglês-Português*, 4.^a ed. Porto: Porto Editora
- ALVES, Fernando Ferreira (2005). *Da Profissão à Formação: O Reenquadramento da Formação de Tradutores em Contexto de Trabalho*, Seminário TCT – União Latina. Lisboa
- ALVES, Fernando Ferreira (2006). *Quase Tudo o Que Eu (Sempre) Quis Saber Sobre Tradução – Kit de Sobrevivência*. Braga: Universidade do Minho
- APARÍCIO, António e Chris Durban (2003). *Translation – Getting it Right. A Guide to Buying Translations*. Alexandria (Virginia): American Translators Association
- ARIM, Eva (2008). *Construções Queístas do Discurso dos Meios de Comunicação Social Portugueses*, In Ana Lúcia Santos e Sónia Frota (org.). *Actas do XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística – Textos Seleccionados*. Évora
- BARREIRAS, José (2005). *O Que É Uma Boa Tradução?* Lisboa: Babilónia

- BARRENTO, João (2002). *O Poço de Babel – Para Uma Poética da Tradução Literária*. Lisboa: Relógio D'Água
- BECHARA, Evanildo (2002). *Moderna Gramática da Língua Portuguesa*, 37ª ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Lucerna
- BRITO, Ana Maria (2003). “Categorias Sintáticas”. In Maria Helena Mira Mateus, Ana Maria Brito, Inês Duarte, Isabel Hub Faria (orgs.), *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Editorial Caminho
- BRUYNE, Jacques de (1999). “Las preposiciones”. In Ignacio Bosque Muñoz e Violeta Demonte (orgs.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Vol. 1. Madrid: Espasa-Calpe
- BUSSE, Winfried (coord.) (1994). *Dicionário Sintático de Verbos Portugueses*. Coimbra: Almedina
- CABRAL, Lisender (2005). *Complementos Verbais Preposicionados do Português em Angola*. Dissertação de Mestrado. FLUL.
- CASTELEIRO, João Malaca (coord.) (2007). *Dicionário Gramatical de Verbos Portugueses*. Lisboa: Texto Editores
- COSTA, Joaquim e António Melo (1995). *Dicionário da Língua Portuguesa*, 7ª ed. revista e ampliada. Porto: Porto Editora
- CUNHA, Celso e Lindley Cintra (1985). *Breve Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa
- DUARTE, Inês (2003). “Subordinação Completiva – As Orações Completivas”. In Maria Helena Mira Mateus, Ana Maria Brito, Inês Duarte, Isabel Hub Faria (orgs.), *Gramática da Língua Portuguesa*, 5ª ed., Lisboa: Editorial Caminho
- DUARTE, Inês (2008). “Conhecimento Explícito”, In *O Conhecimento da Língua: Desenvolver a Consciência Linguística*. Lisboa: Ministério da Educação
- FARIA, Isabel Hub, Emília Ribeiro Pedro, Inês Duarte, Carlos A. M. Gouveia (orgs.) (1996). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa: Caminho
- FERREIRA, Vera (2007). *Aspectos da Gramaticalização das Preposições Espaciais Portuguesas*. In-Devir (<http://in-devir.com>)
- GONÇALVES, Anabela, Inês Duarte e Matilde Miguel (2004). “On the Status of Prepositions in the Infinitival Verb Complements”, In *Actas del VI Congreso de Linguística General*. Santiago de Compostela

- GONÇALVES, José e Ingrid Machado (2006). “Um Panorama do Ensino de Tradução e Busca de Competência do Tradutor”, *In Cadernos de Tradução*, Vol. XVII
- GONZAGA, Manuela (1999). Breve Apresentação do Projecto *Estudo do Uso e do Significado da preposição de em Contextos Nominais: SN de SN*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa
- GREVISSE, Maurice e André Goose (1975). *Le Bon Usage : Grammaire Française*, 10ª ed.. Gembloux: Éditions J. Duculot, S.A.
- GREVISSE, Maurice e André Goose (1989). *Nouvelle Grammaire Française*, 2ª ed.. Gembloux: Duculot
- HOUAISS, Antônio e Mário Villar (2002). *Dicionário Electrónico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Lda
- LADMIRAL, J.-R. (1979). *Traduzir – Teoremas Para a Tradução*. Lisboa: Publicações Europa-América
- LEPPERT, Frank (1995). *Verbos com Complementos Preposicionados por “a” : Um Estudo Semanto-Sintáctico Relacional*. Dissertação de Mestrado. FLUL.
- LUCERO, Maria Victoria Pavón (1999). “Clases de Partículas: Preposición, Conjunción y Adverbio”, *In Ignacio Bosque Muñoz e Violeta Demonte (orgs.). Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Vol. 1. Madrid: Espasa-Calpe
- LUFT, Celso Pedro (2001). *Dicionário Prático de Regência Verbal*. São Paulo: Editora Ática
- MARTINS, Márcia A. P. (2006). “Novos Desafios na Formação de Tradutores”, *In Cadernos de Tradução*, Vol. XVII. Brasil.
- MEIRA, Américo (1985). *Contribuição para o Estudo dos Verbos com Complementos Nominais Preposicionados*. Dissertação de Mestrado. FLUL.
- MOLLIKA, Maria Cecilia (2006). “Sobre Processos Sintáticos que Migram da Fala para a Escrita”, *In Selected Proceedings of the 8th Hispanic Linguistic Symposium*. Timothy L. Face e Carol A. Klee (eds.). Somerville
- MURPHY, Raymond (2004). *English Grammar in Use*, 3ª ed.. Cambridge: Cambridge University Press
- NOGUEIRA, Rodrigo de Sá (1995). *Dicionário de Erros e Problemas de Linguagem*. Lisboa: Livraria Clássica Editora
- PERES, João e Telmo Mória (1995). *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho

- PERREZ, Raymond, Noël Peacock, Sabine Citron (2000). *Nova Gramática de Francês*. Lisboa: Editorial Presença
- PINTO, Isabel (1997). *Sintaxe das Preposições a e de*. Dissertação de Mestrado. FLUL
- POISSON-QUINTAIN, Sylvie, Michèle Mahéo-Le Coadic, Reine Mimran (2002). *Grammaire Expliquée du Français – Niveau Intermédiaire*. Paris: CLE International
- RADFORD, Andrew (1988). *Transformational Syntax: A Student's Guide to Chomsky's Extended Standard Theory*. Cambridge: Cambridge University Press
- RODRIGUES, Delfina (2006). *A Noção de Qualidade em Tradução e a Formação de Tradutores: O Caso Português*. 1ª Conferência de Tradução Portuguesa. Portugal
- SAINT-MOULIN, Gaétan de (2005). *L'interlangue d'Apprenants Lusophones du Français: Stratégies d'Apprentissage et d'Enseignement des Complétives Infinitives*. Dissertação de Mestrado. FLUL
- SIM-SIM, Inês, Inês Duarte, Maria José Ferraz (1997). *A Língua Materna na Educação Básica – Competências Nucleares e Níveis de Desempenho*. Lisboa: Ministério da Educação
- SOUSA, José Martínez de (2005). *Diccionario Panhispánico de Dudas*. Madrid: Academias de la Lengua Española
- TAVARES, António e Jorge Moranguinho (2008). *Prontuário de Verbos com Preposições*. Lisboa: Plátano Editora
- TORREGO, Leonardo Gómez (1999). “La Variación en las Subordinadas Substantivas: Dequeísmo y Queísmo”, In Ignacio Bosque Muñoz e, Violeta Demonte (org.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Vol. 2. Madrid: Espasa-Calpe
- XAVIER, Maria Francisca (1990). “A Categoria Preposição na Gramática do Português - Um Estudo da Preposição a”, In *Actas do Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto